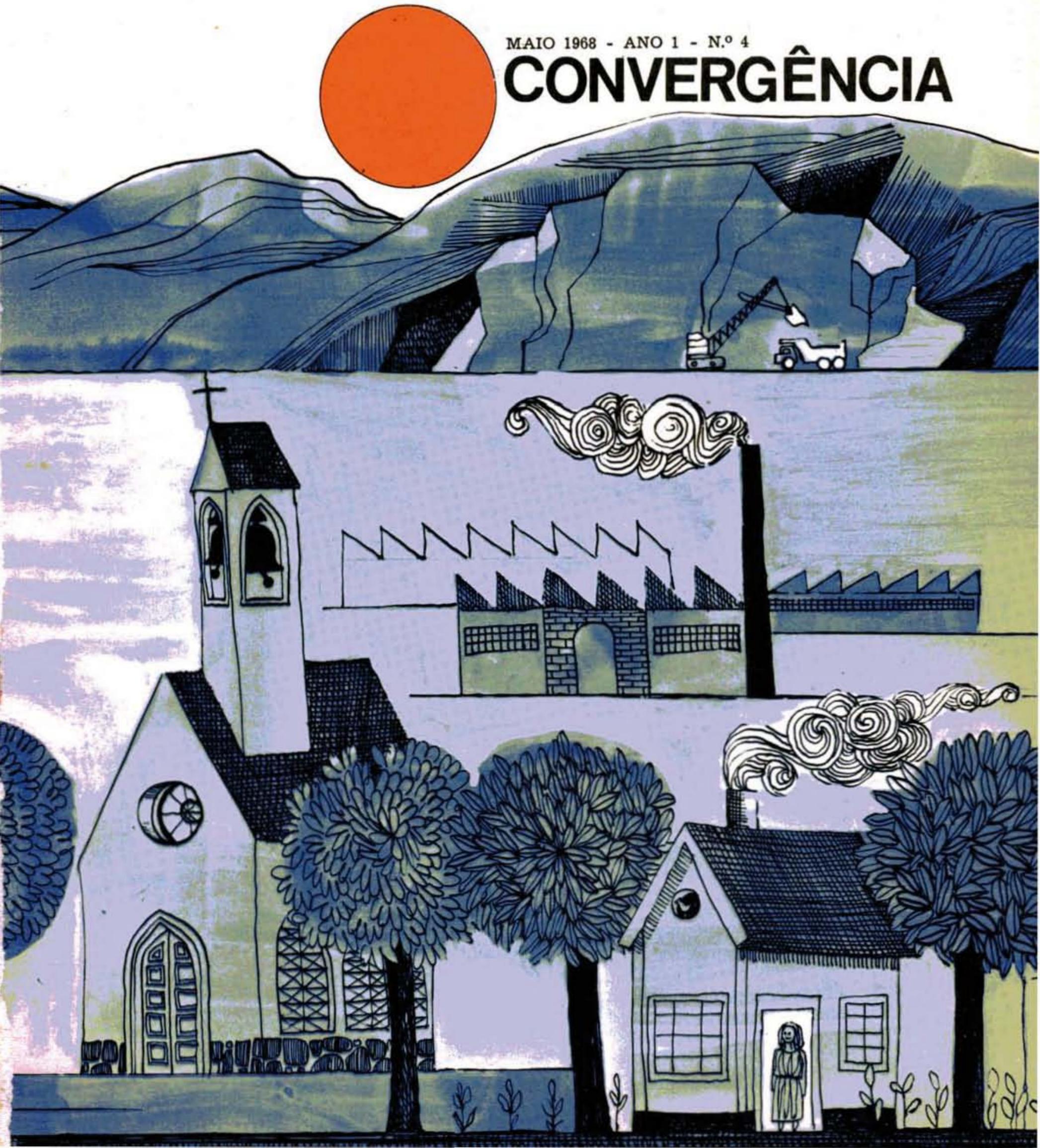


MAIO 1968 - ANO 1 - N.º 4

CONVERGÊNCIA





EDITORIAL

A SERVIÇO DO POVO DE DEUS

QUE é o Plano de Pastoral de Conjunto?

É algo de inteiramente nôvo na história do cristianismo.

A IGREJA no Brasil em 1965 adota, por quatro anos, um plano para sua pastoral: fato inédito nos quase 2 000 anos de história do cristianismo. Diante da vastidão do território, da complexidade dos problemas e, por outro lado, da precariedade das instituições e fôrças, sentiu a Igreja, mais do que qualquer nação, a necessidade e a urgência de planificar suas atividades. O exemplo das instituições civis e governamentais — Ministério do Planejamento, Plano de Ação — alertou importantes áreas eclesíásticas para a necessidade de planificar também a ação pastoral.

SURGINDO do Plano de Emergência — muito mais que plano, foi um despertar em sobressalto —, o PPC apresenta-se como a primeira tentativa para organizar a ação pastoral em âmbito nacional.

O GRUPO que o elaborou, e que no início o apresentava como um plano, insiste em defini-lo como um conjunto de diretrizes globais para o agir eclesial. Diretrizes que visam a instaurar um processo de planejamento, mais do que um plano pròpriamente dito. Seja como fôr, o PPC constitui um esforço para uma ação mais organizada e eficaz, tanto mais necessária quanto mais complexa a situação. O artigo do Padre Marins destaca as colunas

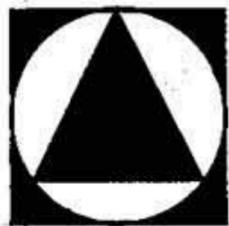
mestras e aponta o caminho andado em dois anos.

O PPC encontrou resistência e oposições — ainda hoje as encontra. Há céticos, desconfiados, indiferentes tanto no seio da Jerarquia e do clero como entre os leigos. Críticas lhe foram e são feitas: uns o consideram demasiado complexo e vago; outros o acham teórico e feito sem a participação das bases; há quem o julgue de certo modo pelagiano por parecer sobrestimar o esforço humano em detrimento da ação gratuita da graça.

TÓDAS estas críticas, no entanto, nos parecem secundárias e periféricas; a elas a história se encarregará de responder. Outras críticas, mais construtivas, lhe deviam ser feitas em benefício de sua maior eficácia. Isso, porém, não é nosso propósito neste número, porquanto temos a convicção de que o **Plano de Pastoral de Conjunto** iniciou um processo irreversível. Processo que obriga a todos os que trabalham na pastoral a terem uma visão de conjunto sôbre o agir eclesial, catequético, litúrgico, diretivo. Processo que lentamente penetra em todo o território nacional como manchas que se dilatam e, por outro lado, põe em movimento dioceses inteiras: Itabira é um caso típico entre os vários, onde se observa o fenómeno. Processo que instaurou um método obrigando a ação pastoral, antes de mais nada, a olhar para a realidade e nela descobrir o mistério vivo de Deus a ser explicitado pela luz do Evangelho de Cristo (a reflexão do Padre Néilson Queiroz nos leva a esta conclusão).

NÓS cremos no PPC, na sua necessidade, na sua eficácia. A Igreja no Brasil encontra nêle um instrumento para organizar racionalmente sua ação pastoral a serviço da graça da salvação.





EXPERIÊNCIA

concílio em Itabira

«Em tôdas as manifestações da vida, em todos os setores, em todos os lugares, em todos os níveis, a gente vive na esperança e na procura de uma fórmula milagrosa que seja capaz de definir a vida, dizer o que as coisas são, dar remédio aos males, resolver as situações difíceis, tirar o árduo de nossos caminhos, tirar as ambigüidades e as torturas.

Mas, quando alguém pensa que pegou o pássaro na mão, êle já começou a sair pelos vãos dos dedos. Quando alguém definiu algo, já começa a aparecer um aspecto não tocado, guardado. Quando alguém acabou de catalogar os níveis da vida, começa a brotar o nôvo, porque há um mundo guardado na evolução e cada dia é nova criação que ninguém pode prever de todo.

A gente espera que apareça um pedagogo e que, sob os olhares felizes dos pais, dê a explicação certa: «educar é isso»! Nesse dia, estará morta a pedagogia. Vivemos pois, matando as coisas, na tentativa de dissecá-las. Sem sentir, vivemos quebrando as molas do brinquedo para sentir melhor seu mecanismo. É a vontade do estático.

A gente espera que o papa diga à Igreja o que ela deve fazer. Um papa prático. Essa sêde do escatológico, da parusia, morou em tôdas as épocas da Igreja. No dia em que o papa disser a palavra final sôbre a vida da Igreja, êle tocou no fim, no estático. E muita gente, na Igreja, viveu com êsse método, achando que o mundo não amanheceria mais. E as suas fórmulas ficaram inúteis, no museu grande que a história é.

A gente quer um teólogo que faça um resumo claro do que deve ser anunciado. Um resumo bem feito do conteúdo da Palavra. Mas o conteúdo da Palavra é a vida. E, de repente, brota um nôvo botão e o resumo fica sêco.

A gente quer uma medicina que fale em remédio. E o remédio definitivo não vem. Porque a vida é dinâmica, está sempre nascendo outra vez. Há no fundo uma reserva dos sábios para com os métodos da Igreja. É que êles sentem a vida a cada momento e estão acostumados a vê-la fugir de nossos esquemas e hábitos.

A gente quer uma organização tal que corresponda às aspirações dos homens. Mas nunca as duas coisas coincidirão. Coloca-se um vaso maior que a planta e ela dispensa depois o vaso.

É preciso que haja homens procurando as fórmulas.

É preciso que haja homens tentando, cada minuto, organizar a vida.

Mas, é preciso também que haja outros avisando, do lado de cima, que no vaso não cabe mais a planta, que as raízes já se foram e que brotou uma nova vida.»

MARCOS ANTÔNIO NORONHA

Bispo de Itabira



Itabira é região-amostra dos problemas sociais brasileiros. Nela se erguem quatro grandes complexos industriais de base: Companhia Vale do Rio Doce, Siderúrgicas Belgo-Mineira, Acesita e Usiminas. Ao lado desta área industrial, estão as pequenas cidades e vilas de características ainda nitidamente rurais: cidades e vilas que amargam os muitos problemas agrários das regiões rurais do Brasil, agravados ainda pela atração irresistível da vizinha área industrial.

Quando em Roma se encerrava o Concílio, começou a existir a diocese de Itabira. Situação privilegiada para o início de uma renovação. Tratava-se de fazer com que o Concílio não fôsse letra morta. Era preciso levá-lo ao povo. E como o Concílio trazia apenas as grandes diretrizes da renovação e atualização da Igreja, para aplicá-lo, para levá-lo à vida, era preciso que o povo refletisse, que o povo falasse sobre seus problemas e aspirações. Dêste modo, o plano de renovação não seria algo imposto de cima, nascido do estudo em gabinete, mas da situação concreta e daqueles que a constroem e sofrem.

**O Secretário do Bispo
é um leigo**

**As famílias ajudadas
fazem, elas mesmas,
os tijolos para construir
suas casas**

Começando pela base

O grupo que mais imediatamente se via pressionado era o dos padres: de um lado, estavam eles obrigados a sustentar, cada um por si, o peso de uma Igreja triunfalista, de outro lado, achavam-se a braços com os problemas muito concretos de um povo que, nessa altura, só conhecia a Igreja que batizava, benzia, fazia procissão e consolava os injustiçados com a promessa do céu.

A primeira medida, portanto, foi a de atualizar os sacerdotes existentes na região. Para isso, foram chamados bons teólogos que, através de cursos e encontros instruíram e orientaram os padres, de acordo com o espírito do Vaticano II. Tendo em vista a tarefa a ser levada a efeito, face às necessidades reais do povo, a região foi dividida em três zonais, cada qual com suas exigências e características próprias. De cada zonal, foram escolhidos quatro sacerdotes que, de modo particular, receberam a incumbência de estudar e, dêse modo, estarem aptos a exercer o trabalho de coordenação dos grupos formados pelas pessoas mais atuantes em seus ambientes naturais. Continuação do Concílio são os grupos de jovens, operários, casais, domésticas, engenheiros, refletindo sobre a Igreja, a comunidade em que vivem, seus problemas, seus anseios, a missão que a Igreja lhes confia. Nestas reuniões, confessam muitos: «Diziam-nos que a Igreja somos nós, mas somente agora é que o estamos realmente sendo». «Até agora, comentavam outros, a gente estava na Igreja como quem está em um cinema. Éramos apenas espectadores. Começamos a perceber que devemos ser também artistas. Artistas na construção da Igreja». São descobertas de imenso valor em cristãos tradicionalmente marginalizados pela pastoral de massa. Descobertas que refletem uma tomada de consciência a respeito da Igreja.

há diversidade de funções
no entanto, todos nós somos iguais
a igreja é sinal, quando seus membros trabalham
juntos
quando perscrutam os sinais dos
tempos
quando lutam pelos pobres e injus-
tiçados
quando lutam pela paz
quando lutam pela promoção hu-
mana
quando celebram a Eucaristia do
Senhor



As verificações

De uma coisa, porém, o bispo diocesano, os padres e os leigos estavam bem cientes. Como dizia o bispo, «planos pastorais não devem ser pré-fabricados em escritórios; é preciso criar a possibilidade de o povo manifestar as suas aspirações e capacidades». Por esta razão, nos numerosos grupos procedeu-se a um primeiro levantamento da situação real do povo. O resultado foi submetido a uma análise pela equipe diocesana. Esta análise, realizada seriamente em comum, permitiu as seguintes verificações:

- Um forte desequilíbrio entre sacramentalização e evangelização, apresentando as seguintes decorrências e causas: infantilismo religioso, predominância do conceito de Igreja como instituição jurídica, pastoral de massa, conceito errôneo do *opere operato*, exagero de devocionismo, estrutura paroquial fechada, mistificação. (Deus só está no misterioso e no rito), cate-



quese de fórmulas prontas para a situação do homem, pastoral de condenação, faltas de coragem para quebrar a mitização e tirar o povo da ambigüidade religiosa, perigo de se criar uma pastoral neotridentina formulada em terminologia do Vaticano II. Sem dúvida, a Igreja que não tiver sacramentos não é a de Cristo. Mas a que se ocupar só de culto, também não é a Igreja de Cristo.

- Se em um grupo de pessoas da região já se nota o crescimento da consciência de Igreja, no maior número, porém, há ainda ausência desta consciência. O povo não sente ainda que ele é a expressão histórica deste mistério: Igreja, comunhão de pessoas. As causas e conseqüências aí estão: para muitos a Igreja é ainda ou lugar sagrado ou hierarquia, pois ainda não assumiram o cristianismo como responsabilidade pessoal; há passividade, há falta de visão do profano, há espiritualismo exagerado, a liturgia é convencional, a Igreja não se põe a serviço do homem nem da comunidade, enfim, o que existe é triunfalismo.

- Mentalidade assistencialista, comandando a presença da Igreja na região. Uma Igreja que participa da mentalidade das estruturas vigentes. Numa região em que dia a dia crescem os desequilíbrios econômicos e sociais, a Igreja é tentada ainda a se deixar levar pelo ativismo assistencialista, pelo sobrenaturalismo, pelo providencialismo, pelo descuido de uma educação de base, pela falta de abertura corajosa para o social.

- Pastoral ausente dos acontecimentos e dos grandes passos da vida: não se leva concretamente em conta o amor, o trabalho, a educação, o dia-a-dia, a morte, as doenças, as transformações sociais. Por isso, quando se pretende fazer a Igreja

ja funcionar como comunidade; é sempre através de um esforço-de-fora, criando-se estruturas paralelas, superpostas ou justapostas aos valores dos homens do nosso tempo. Por isso, continuam a existir a satisfação jurídica, o ritualismo fácil, o convencionalismo, o homem como objeto e não como sujeito, a passividade dos fiéis e a pregação por fora-da-vida.

● A região está fortemente marcada pela presença de indústrias pesadas. E ligados a esse fato, encontramos o êxodo da zona rural, a falta de apoio ao lavrador, a falta de preparo para a vida urbana, com os problemas de habitação, de prostituição, de boêmia, a instabilidade dos empregos, a falta de sindicatos livres, os esquemas das empresas ignorando o homem como pessoa e o colocando a serviço do rendimento, o trabalho considerado como mercadoria entre outras mercadorias. Diante desse e de outros múltiplos problemas constatou-se que, por parte do mundo operário, ainda não houve uma tomada de consciência. Face a esta situação, percebe-se que existe uma problemática toda particular exigindo diretrizes especiais.

Temas como o da igualdade e da fraternidade são vividos a partir de uma exigência do dia-a-dia



Reflexão e ação

Essas descobertas são talvez um tanto gerais, mas são também de grande valia por nascerem da conscientização de um povo. É a partir delas que estão surgindo as diretrizes pastorais da diocese de Itabira. Por outro lado, as diretrizes do Plano de Pastoral de Conjunto passaram a ser as linhas-mestras da reflexão. O objetivo geral da Igreja, formulado pelo Plano de Pastoral de Conjunto, e que é o de levar o Povo de Deus a uma comunhão de vida entre si e com o Pai, é também o objetivo que se quer atingir em Itabira. Entretanto, quais são os meios? Se o Plano de Pastoral de Conjunto traça apenas linhas gerais, é preciso que estes meios nasçam da auscultação do povo, do confronto feito pelo povo entre a situação, as dificuldades, a eficácia dos meios tradicionalmente empregados, as sugestões, as aspirações da comunidade e a ação que se realiza. Em outras palavras, busca-se um encontro contínuo entre reflexão e ação, pois ação ou reflexão, quando isoladas uma da outra, só pode dar um ritualismo, convencionalismo, ativismo assistencial, sobrenaturalismo, providencialismo. Em resumo, alienação de todas as cores e matizes. Por isso, com base nos grupos de reflexão, existe em toda a região de Itabira um esforço muito real no sentido de renovar a mentalidade e a vida concreta da Igreja naquela região.

Evangelho em pequenos grupos

Quanto ao sério problema da catequese, a situação era semelhante à de todo o Brasil.

A proporção de pessoal qualificado era mínima em relação aos milhares de habitantes dispersos em uma área imensa. Fazia-se, pois, necessário um novo método sob pena de dispersão e ineficiência. Além disso, mais do que todo o resto, a catequese não pode ser um verniz.

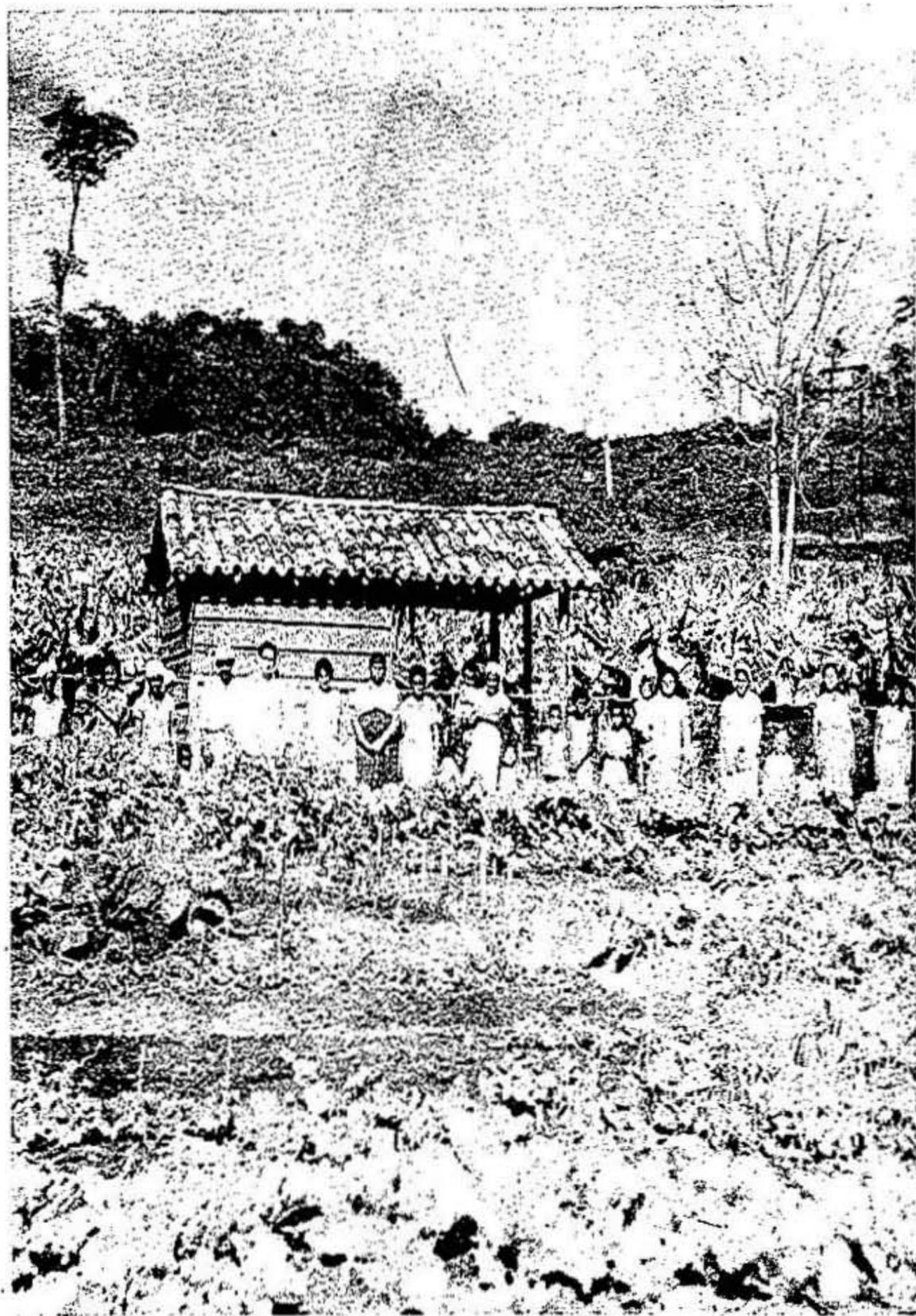
Quem é tratado como objeto da catequese não se torna um adulto na fé. A consciência dessa realidade foi fazendo surgir pequenos grupos de famílias no seio das quais se organizava a catequese, a liturgia e a promoção social. Essa multiplicação de pequenas unidades, com líderes de seu próprio meio, levou à descoberta dos problemas comuns e da força que têm os homens quando unidos e solidários. Muitos dos problemas coletivos de urbanização e comunicação, por exemplo, que o Governo deveria resolver e não resolvia, foram solucionados por trabalho coletivo. Desse modo, eram encontrados e vividos os temas evangélicos como o da igualdade e da fraternidade: a Igreja é uma comunidade de irmãos, uma comunidade de iguais. Uma catequista holandesa, que lá trabalha, observou, ainda, que a falta de padres para o serviço de evangelização teve um efeito muito positivo: os leigos, pouco a pouco, sentiram-se responsáveis e assumiram ativamente a tarefa da evangelização. Coisa que vem dando muito certo.

Casas e hortas

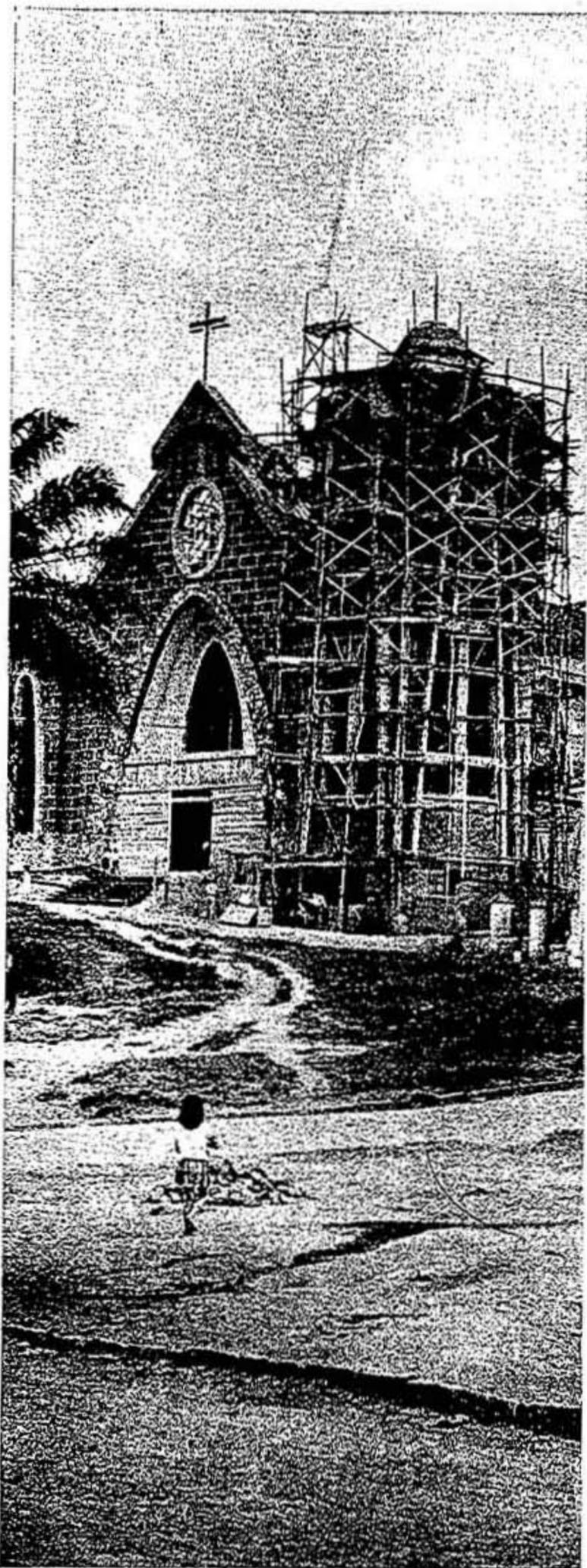
O deficit habitacional, existente em Itabira, era um dos problemas graves no caminho do desenvolvimento.

Hoje, em muitos pontos, é um marco quase superado, na passagem do assistencialismo à promoção. A reflexão dos grupos de engenheiros e outros profissionais, o empenho da Associação

**os homens
nunca tiveram
um sentido tão agudo
de liberdade
como hoje
sentido da verdadeira
liberdade
liberdade de cultura
liberdade das ciências**



**liberdade na busca da verdade
liberdade de pensar diferente
liberdade de divulgar o próprio pensamento
liberdade de fundar grupos
liberdade de opinião na comunidade política.
e "a verdadeira liberdade é um sinal eminente da
imagem de Deus no homem"**



de Proteção à Maternidade e à Infância de Itabira, o trabalho dos próprios interessados, tudo isso tem contribuído para que o problema seja enfrentado com grande eficácia e sem gastos astronômicos. As casas são construídas pelos próprios ajudados através do sistema de cooperação fraterna. O trabalho foi iniciado facilitando-se simplesmente aos interessados a confecção de adobos. Entretanto, os resultados não foram satisfatórios e foi nesse momento que o grupo de reflexão dos engenheiros deu sua parte, elaborando um plano detalhado e acessível que aceitava as limitações da situação e procurava utilizar ao máximo as disponibilidades, em material, da própria região. Até caixotes vazios de explo-

sivos são utilizados e, assim, uma casa ampla e em boas condições de habitabilidade se torna acessível praticamente a todos.

Faz-se um levantamento das necessidades e da situação sócio-econômica dos interessados. Depois, estes se reúnem em grupos de 10 e fornecem, em mutirão, a mão-de-obra necessária para a construção de cada casa. Assim, todos trabalham até que todas as casas tenham sido construídas. Enquanto isso, um engenheiro vai assessorando o grupo. Ora, juntando trabalho e técnica para se resolver um problema sério da população, o que se consegue é muito mais que uma casa.

Nesta mesma linha de cooperação fraterna, organizaram-se as hortas comunitárias, que inegavelmente são mais uma resultante do esforço inteligente e solidário. Uma horta comunitária é cuidada por famílias pobres que, além de conseguirem com isso mais um meio de subsistência, também aprendem melhores hábitos de alimentação.

Alfabetização de adultos

Os moradores da região, toda vez que tinham oportunidade de se manifestar pediam alfabetização. Com efeito, também esta é uma necessidade vital em qualquer processo de promoção humana e desenvolvimento. Para atingir isso procurou-se mobilizar todas as pessoas que possuíam alguma experiência no campo do ensino, a fim de se obter um conhecimento realista do que é a região e do que são os moradores. De tal modo, o processo de alfabetização, baseado neste conhecimento realista, seria o próprio crescimento de conscientização da realidade.

O método escolhido foi o global. O processo é flexível, é dinâmico, e espera-se que lá, dentro de algum tempo, o analfabeto seja uma exceção. Nesta linha, a experiência feita em Vila Santana tem sido significativa.

temos a mesma

dignidade:

somos filhos

de Deus

temos a mesma

missão :

lutar pela paz

Em São Domingos do Prata uma torre virou escola

**Uma das paróquias — prioritárias
ou as tubas do Antigo Testamento**

São Domingos do Prata e os arraiais em redor têm cerca de 25 mil habitantes católicos (mais de 90% da população). E o vigário no meio dessa gente iniciara a construção de uma imponente Igreja. Entretanto, pouco depois apareceu o bispo e alertou: «o objetivo principal da catequese não é construir igrejas de pedras, mas sim uma igreja de homens».



Sujando as mãos aprendem a criar beleza



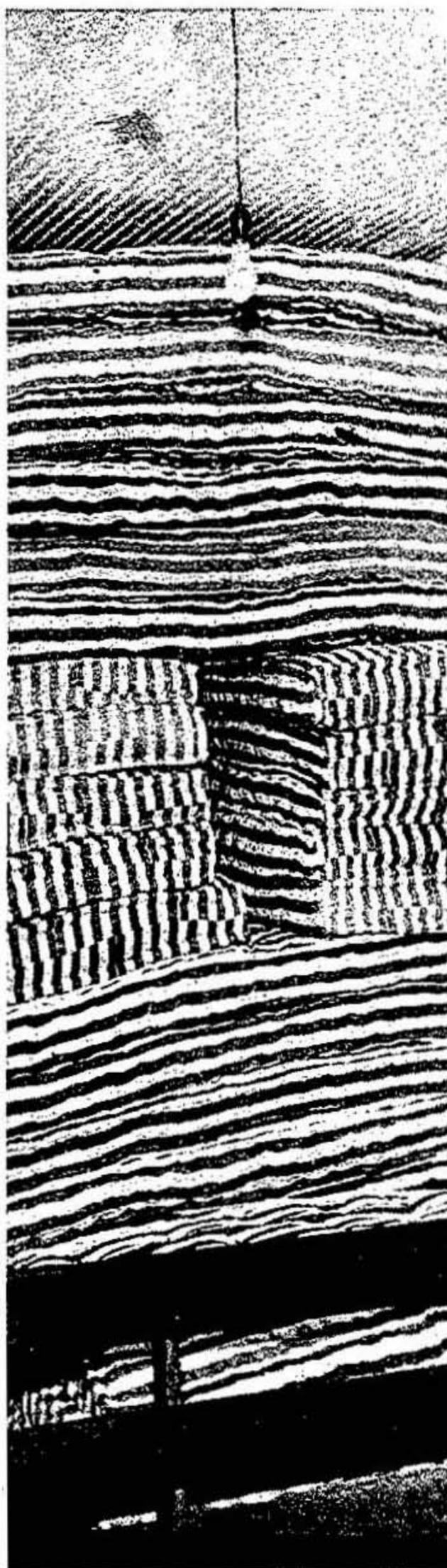
O fato é que o vigário de São Domingos percebeu o problema levantado: ao povo sem instrução não basta um serviço perfeito (até motorizado) de sacramentalização, nem basta a missa de domingo. Para se atingir realmente o povo, é preciso educá-lo. A Palavra de Deus não é para alienar. Ela supõe e exige a construção do homem e do mundo. Assim, quando o vigário chegou a sua casa pôs-se a pensar na igreja semi-acabada: e a torre, a larga torre, bem como as outras dependências da igreja transformaram-se em alvo de uma série de perguntas: por que não seria possível utilizar os pavimentos inferiores da torre para uma escola? Por que as salas laterais?...

**lutar
contra a miséria
lutar
para que todos
sejam
respeitados
em seus direitos
lutar
pela promoção
da pessoa
humana
e dos diversos
grupos
organizar,
no mundo,
o amor
e a justiça**

Assim, tôdas as salas dentro da torre e ao redor da igreja viraram educandário. Ali, meninos e meninas do último ano do grupo escolar recebem instruções suplementares em todos os assuntos úteis possíveis: aprende-se datilografia, costura e culinária, recebem-se ensinamentos de artesanato, e lá existe à disposição um forno cerâmico e uma máquina para preparar madeira. Ainda não é uma instrução profissional, mas já ajuda a desenvolver as aptidões. No salão inferior da torre, fazem exercícios, alternadamente, um grupo de músicos de instrumentos de sopro e um jazz. Às vezes, no seu entusiasmo, eles tocam tão mal, lamenta o vigário, que «me lembra o Antigo Testamento, onde os judeus tocaram as tubas, sete vezes, ao redor de Jericó e, com isso, derrubaram muros daquela cidade. Mas, parece que a torre da igreja de São Domingos é mais forte que os muros de Jericó».

Amar o irmão que vemos

O que se observa de comum em todos os trabalhos e experiências realizadas na região de Itabira é um uso inteligente da planificação, que não significa, no caso, nem burocracia nem enquadramento teórico. Na realidade, o que existe é um reconhecimento efetivo do leigo como adulto e responsável, com o direito e o dever de assumir suas próprias tarefas. Neste sentido, podemos dizer que existe também o reconhecimento da liberdade como «um sinal iminente de imagem de Deus no homem». E é exatamente este respeito pela liberdade que, em última análise, leva a substituir o assistencialismo pela promoção humana.



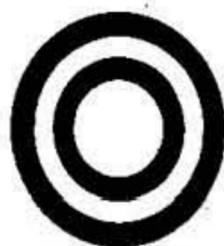
Os colchões que o caminhão vai levar são o trabalho dos homens

Outra coisa: não se nota dualismo entre ação e reflexão. Nota-se, ao contrário, que a reflexão acaba se inscrevendo na luta concreta do dia-a-dia: limpeza de ruas, asfaltamento de uma avenida de três quilômetros, artesanato, horta comunitária, moradia pelo sistema de cooperação fraterna, alfabetização e conscientização, ensino de música, de culinária, de datilografia etc. Por trás disso não se encontra clericalismo, mas existe a consciência deste perigo: os leigos recusaram-se a ser meros instrumentos, e exigem a autonomia de filhos de Deus, cada qual com a sua função particular no plano social.

Segundo parece, as pessoas sabem que as mudanças a serem feitas não são simples mudanças de estilo e, por isso, exigem tempo, trabalho árduo e lucidez para se aceitarem as etapas intermediárias. Se existe alegria, existe também a recusa da euforia fácil. Além disso, a par do entusiasmo descobre-se a certeza da imperfeição e da necessidade de uma atualização contínua, pois «a Igreja é peregrina e progressível».

Enfim, teria sido muito mais cômodo limitar a renovação ao aspecto espiritual. De visível, bastaria uma certa atualização litúrgica... Todavia, espiritualismo ainda não é Cristianismo: Cristo não é um fantasma, e o homem que Cristo veio salvar é um todo que existe na terra, que é deste mundo, e como tal tem que ser encarado, «porquanto aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê» (I Jo 4,20).

DESENVOLVIMENTO E IGREJA DESENVOLVIMENTO E IGREJA



**PARA
REFLEXÃO**

«O gênero humano encontra-se hoje em um novo período de sua história, período caracterizado por mudanças profundas e aceleradas que progressivamente se estendem ao mundo inteiro» (1).

O Concílio Vaticano II o compreendeu, e por isso mesmo apontou como missão permanente da Igreja o «perscrutar a fundo os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, respondendo assim às interrogações constantes da humanidade sobre o sentido da vida presente e da futura e suas mútuas relações» (2).

Um homem que cresce

O homem, ciente de sua capacidade e de sua força, lança-se ao domínio da natureza, e na medida em que a transforma aperfeiçoa-se, evidencia novos valores em sua personalidade. Desenvolve-se.

A natureza parece não ter segredos para a ciência e a técnica que avançam a velocidades sempre mais rápidas, pedindo apenas tempo a fim de conhecer e aproveitar inteiramente os recursos naturais para o bem do homem. Extensiva e intensivamente se desenvolve a natureza.

Na tensão dinâmica entre o homem e a natureza, todos sentem cada dia mais o valor do viver-no-mundo, do construir o presente e o futuro na comunidade fraterna universal. É o desenvolvimento.

Para uns, esse desenvolvimento consistirá apenas em conseguir de forma regular e continuada, cada ano mais, a quantidade de bens e serviços à disposição da comunidade dos homens. Outros exigirão muito mais que o mero crescimento de bens e serviços. Pedirão que o desenvolvimento seja a explicitação continuada das potencialidades e valores da natureza e do homem a serviço da comunidade.

Uma Igreja que aplaude

A Igreja não pode deixar de ver com alegria a ânsia de promoção que penetra todos os povos. Louva o esforço de capacitação profissional, louva o aprimoramento dos processos científicos, louva a racionalização dos métodos, a economia de recursos, a rapidez dos prazos operacionais.

Ontem, apenas alguns podiam sonhar em se promover. Hoje, graças aos processos de comunicação de massa, as aspirações e exigências são de toda a população e das populações todas, numa avidez que supera as possibilidades e o ritmo lento do desenvolvimento econômico.

As relações sociais ultrapassam os estreitos limites familiares, classistas e nacionais, para um intercâmbio sempre mais crescente entre os povos e raças. Apesar dos entraves e reações, o conceito de igualdade entre pessoas e o sentimento de co-responsabilidade social predominam sempre mais na sociedade do nosso tempo.



maior quan- tidade debens

Libertação e diálogo

Cresce a paixão pela liberdade destruindo todos os entraves que impedem às pessoas e nações a consecução de sua plenitude existencial, a libertação do passado. Esta libertação que sacrifica ao funcional, ao dinâmico, tudo aquilo que apenas represente tradição e rotina.

Perde-se o monopólio da resposta, já que a dimensão dos problemas exige sempre maior especialização e mais intenso diálogo. Passa-se de uma sociedade onde predominava uma só cultura para um pluralismo cultural e religioso que leva diferentes princípios e valores a uma coexistência muitas vezes perturbadora.

Simultaneamente com o pluralismo, vem a secularização. Perde-se o mágico, perde-se aquela religiosidade tradicional e inconsistente. Tudo se centraliza no homem, e só se sustentará o processo de marginalização de Deus se ele tiver um novo tipo de profetas e uma nova apresentação.

Uma Igreja que deplora

Se, por um lado, a Igreja se alegra com os novos valores da sociedade nova, na qual ela vive e à qual ela deve anunciar a perene mensagem do Evangelho, por outro lado, ela não pode cerrar os olhos ante tantos setores e povos subdesenvolvidos.

A inserção no mundo impede a Igreja, leigos e clero, a proclamar a justiça, com toda a força e sem rodeios ou compromissos de qualquer espécie. A denúncia profética da injustiça é exigência do próprio Evangelho: «Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que sois semelhantes a sepulcros caiados» (3).

Uma exigência primária desta missão contemporânea da Igreja é a pobreza. Solidária com a situação da imensa maioria da população, ela compreende que deve libertar-se de ataduras temporais e de todo prestígio ambíguo. Ela não pode aceitar nem a devoção nem a farta esmola do poderoso que é injusto e rico à custa da fome e miséria de muitos. Só a Igreja pobre, por amor a Cristo que sofre no próximo, será sinal de missão divina.

Lembrada de que «desenvolver-se é crescer em humanidade, valer mais, ser mais» (4), ela afirma

que, para o cristão, desenvolvimento é uma explicitação contínua das potencialidades do ser humano e não um acúmulo no ter. A dominação e o aperfeiçoamento da criação pelo homem só tem sentido quando o levam a ser mais para com seu próximo e a comunidade inteira.

A dinâmica do desenvolvimento é levar os homens a Cristo, pois «o mistério do homem só se torna verdadeiramente claro no mistério do Verbo encarnado» (5). Com efeito é Cristo o «fim da história humana, ponto para o qual convergem as aspirações da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os desejos» (6).

Religião na vida

A Igreja se considera salvadora do mundo. Não à distância, de fora, mas encarnando-se no íntimo das realidades humanas e transformando-as. O verdadeiro cristão, dirá ela, não é aquele que apenas se filia a um quadro institucional eclesiástico, nem aquele que repete ritos e fórmulas vazias de sentido e compromisso, mas aquele que, «por sua competência profissional e por sua atividade elevada intrinsecamente pela graça de Cristo, colabora eficazmente para que os bens criados sejam aperfeiçoados para o benefício de todos e distribuídos mais aptamente entre os homens» (7).

Em maio de 1967, o Episcopado brasileiro impulsionava os leigos para que «pelas suas livres iniciativas e sem esperar ordens e diretrizes impregnassem de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas» (8).

Não existe desenvolvimento sem uma concepção do homem, pois não se trata apenas de acumular bens mas potencializar um ser vivo. Cumpre conhecer o ponto de partida e as metas a alcançar. Não só: o critério do uso ou não uso de medidas operacionais deverá sempre ser «o que mais conduz para a promoção integral da pessoa e a promoção solidária dos grupos».

Faz-se mister a existência de novas mentalidades. A Igreja não pode deixar de lastimar que muitos ainda identifiquem capitalismo com cristianismo, e que o fantasma do comunismo ainda afaste a muitos das legítimas e indispensáveis reformas sociais. Em muitos cristãos, uma mentalidade religiosa fatalista ou acomodada os imobilizou por muito tempo. Outros, compreendendo falsamente o sentido da eternidade, descuidaram-se de suas obrigações terrenas vivendo uma religiosidade desencarnada e alienante. Poucos percebem as injustiças de muitas estruturas sociais e econômicas, e suas poucas forças se perdem na imensidão das tarefas a executar.

Os homens só se arrancam para o desenvolvimento quando se imbuem de uma mística de desenvolvimento, «quando existir — apoiada na fé inquebrantável nos destinos da Pátria e estimulada pela consciência de que o interesse nacional deve prevalecer sobre quaisquer outros — uma vontade generalizada e contagiante de superar, pelo trabalho e dedicação, quaisquer obstáculos ao seu progresso» (9).

A hora é de ação. «A situação atual deve ser enfrentada corajosamente e combatidas e vencidas as injustiças que ela comporta» (10).

A todos os cristãos é lançado o apêlo para que o desenvolvimento econômico não esteja a serviço do lucro e do grupo, mas da realização sempre mais completa da pessoa e da comunidade.

Tudo aquilo que conduz à capacitação social de trabalhadores e estudantes deve ser valorizado, pois os retira da marginalização e os leva à co-responsabilidade no processo de desenvolvimento. Impõe-se a educação de base, integral e solidária, uma vez que pessoas desintegradas na sua personalidade, atrofiadas, transformadas em peças de produção ou em consumidores automáticos, só constituirão uma sociedade desintegrada, infradesenvolvida.

A organização do povo em associações de bairro, sindicatos, organizações profissionais, a vitalização de entidades juvenis, são também uma urgente tarefa dos cristãos, porque nossa concepção de desenvolvimento exclui tanto o individualismo, que projeta o interesse da pessoa sobre o grupo, quanto o estatismo que tolhe a capacidade criadora dos grupos.

Riquezas naturais sem conta estão inproveitadas, e milhões de hectares de terra vivem criminosamente improdutivos. Planejamentos são feitos sem a indispensável e competente pesquisa e eficiência, acarretando enorme desperdício de recursos, tempo e pessoas. Estruturas asfixiantes e emperramentos





burocráticos impedem valiosos projetos e esterilizam os esforços dos competentes.

Para muitos, as riquezas são erigidas em valor absoluto. Muitos conceitos de progresso e desenvolvimento marginalizam o homem visando apenas o lucro e transformando-o em mera peça do processo de produção de bens.

A poupança, indispensável para o desenvolvimento, é imposta pela força às camadas populacionais de renda mais baixa, enquanto classes mais ricas, na avidez de maiores lucros e segurança, levam para fora dos seus próprios países os seus já fartos capitais.

Acentuam-se os desequilíbrios regionais. Para citar apenas um exemplo, aqui no Brasil, enquanto São Paulo vê crescer para 40 por cento sua participação no Produto Bruto Nacional, Minas Gerais vê a sua reduzida de 12 para 9 por cento: um pólo de desenvolvimento transforma-se numa região problema.

Aumentam os desequilíbrios entre classes. Proletariza-se a classe média. Interesses de grupos prevalecem sobre os verdadeiros interesses nacionais.

Acirram-se as rivalidades entre povos quando capitais estrangeiros conseguem prazos curtíssimos de amortização e desnacionalizam empresas do País.

Marginalização

Cresce sempre mais, dado o elevado índice de crescimento demográfico, a população marginalizada, isto é, a inumerável multidão dos que não participam nem passiva nem ativamente dos benefícios e das decisões sociais. Milhões de seres humanos não dispõem de educação, de hospitais, de segurança social. Milhões não interferem nem contribuem para as decisões de política social e econômica que lhes altera profundamente o presente e o futuro.

Não é apenas neste ou naquele país que se vive uma democracia de fachada e uma república de superfície. A carência de grupos intermédios que facilitem e promovam a participação e integração na vida nacional, tais como sindicatos, associações profissionais etc., conduz ao caciquismo e à prepotência das oligarquias canalizando para o bem próprio os recursos e oportunidades do poder público.

O Estado por seu lado, exagerando sua missão, tende a monopolizar todas as atividades sociais, sem competência e flexibilidade para acompanhar dinamicamente as rápidas exigências de situações em contínua mudança.

Ante um mundo em transformação, a Igreja reflete. Os membros do Povo de Deus, em diálogo cada vez mais intenso, intercomunicam inspirações e vivências, descobrindo, cada vez mais, as concretizações para o supremo mandamento do Amor.

Lembrando-se de que sempre esteve presente nas várias etapas de formação do nosso País, a Igreja não quer estar ausente nesta encruzilhada da História. Para ela, seria fácil e despreocupante voltar-se para o exclusivismo sacramental e litúrgico. Todavia, leigos, sacerdotes e bispos sentem que o «amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo até dar a vida por ele» exige que se unam a todas as forças válidas para a construção da nova sociedade humana.

A Igreja sabe que sua primordial missão é viver com os homens, caminhar solidariamente com eles, construir com eles a História, proclamando nêles e para eles as verdades eternas da Criação e Redenção, os valores do homem e do mundo, já que atingirão sua plenitude em Cristo e por Cristo.

A Igreja sabe que ela só será «sinal e sacramento de salvação» se engajar-se na transformação e aperfeiçoamento deste mundo e se os seus filhos se inserirem no processo de desenvolvimento dos povos, traduzindo em termos operacionais a mística social haurida na mesa da Palavra e do Pão.

É tarefa cristã mudar o clima de indiferença, de medo e de insegurança que afasta as pessoas de suas associações de classe. É tarefa cristã lutar pelo exercício da autonomia e da expressão dos grupos sociais e da sua participação nos centros de decisão de poder.

Valôres que não se incorporam

Os milhões de analfabetos não são grande problema em comparação com a falta de escolas profissionais, o insignificante número e preparo dos educadores, a carência de reformas substanciais na educação com vistas a formar o homem em função do mundo novo que o espera. Os conteúdos de muitos programas educacionais são alienantes, o ensino é acadêmico, é passivo, não conduzindo à co-responsabilidade social.

Os jovens, quando têm a audácia de propor suas idéias sobre o futuro que lhes pertence, são logo rechaçados pelo mundo adulto, são reduzidos a um problema de «bom ou mau comportamento». Por isso, desinteressam-se e descrêem. Canalizam, então, suas energias para a revolta.



Agir com, não em lugar de

No processo de desenvolvimento a Igreja reconhece seu dever de agir com todas as forças válidas da nação. Ela não está sozinha. O mundo é pluralista, e ao lado da Igreja outras crenças, outras ideologias podem convergir esforços na consecução do objetivo da promoção do homem e da comunidade humana.

São muito mais os laços que unem do que as divergências que separam.

Passou a época da cristandade, quando o poder civil se identificava com o poder eclesiástico e a Igreja se considerava única responsável pela ordem social. A lição da história levou-a a compreender que sua missão é a dinamização dos que constroem e não a construção da cidade humana.

Hoje, clero e religiosos cedem aos leigos e às instituições civis tomadas de posição, tarefas e mesmo obras. Abandono? Não, descoberta do que é principal, descoberta da sua missão específica no mundo moderno.

Descobrir

Todavia, ainda resta muito a fazer. É necessária a humildade do esforço e a tenacidade da busca, já que não há fórmulas feitas nem fixas. É necessário «que pessoas de visão reflitam e descubram como substituir de modo prudente e adequado as estruturas sociais atuais por outras mais justas e humanas» (11). Nada mais necessário que «as Universidades se transformem em centros criadores, em centros de pesquisa e formulação do desenvolvimento concreto e específico do País. Elas devem conhecer e diagnosticar a realidade social na qual se movem e à qual pertencem. Devem elaborar e oferecer modelos de desenvolvimento» (12).

O homem brasileiro aí está, diante dos nossos olhos. Não é um fantasma. É um ser real, bradando pelos seus direitos e exigindo que todos façam o máximo pelo seu desenvolvimento, principalmente os cristãos. É um ser vivo. Não é um robô que se contenta com válvulas e se movimenta com meras lubrificações. Quer viver. Quer promover-se. Quer ser mais.

Que a Igreja, leigos, religiosos, sacerdotes e bispos, lhe sejam sacramento de sua plenitude em Cristo.

NÉLSON DE ARAÚJO QUEIROZ, SJ

- (1) Gaudium et Spes, nº 4, Ed. Vozes
- (2) Gaudium et Spes, nº 4
- (3) Mt 23, 27
- (4) Populorum Progressio, nº 15, Ed. Vozes
- (5) Gaudium et Spes, nº 22
- (6) Gaudium et Spes, nº 45
- (7) Lumen Gentium, nº 36
- (8) Nossas responsabilidades face à «Populorum Progressio» e às Conclusões de Mar del Plata. VII Assembleia-Geral do Episcopado, Aparecida do Norte, maio 1967, nº III, 10
- (9) MARECHAL POPPE DE FIGUEIREDO — Revolução e desenvolvimento, em Jornal do Brasil, Rio, 24 de março de 1968.
- (10) Nossas responsabilidades..., III, 3
- (11) Nossas responsabilidades..., II, B, 2
- (12) As universidades católicas e a presença da Igreja no meio universitário, Seminário do CELAM, Buga (Colômbia), fevereiro 1967



PROBLEMAS PASTORAIS



O primeiro Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), aprovado em 15 de novembro de 1965 pela Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, em reunião plenária, não surgiu do nada. Sucedeu ao chamado Plano de Emergência, e é fruto de uma longa e árdua série de encontros, reflexões, debates e, sobretudo, de um confronto cada vez mais acurado com a realidade. No presente artigo, Padre José Marins mostra o objetivo deste plano e, a partir de um questionamento sobre a situação concreta, os programas que nessa altura já foram elaborados e realizados.

PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO

A espinha dorsal do Plano

Fundamentalmente, o objetivo deste PLANO é criar meios e condições para que a Igreja, no Brasil, se conheça tal qual é e, partindo de sua situação e da realidade, caminhe com perseverança no rumo indicado pelo Vaticano II. O Plano quer ser um esforço dinâmico e contínuo do Povo de Deus (sob o serviço orientador da Jerarquia) contando com a força do Espírito Santo para todos os homens. Identificado com a realidade brasileira, iluminado pela Revelação do Senhor, fortalecido pelo Espírito Santo, o Povo de Deus deve criar uma resposta adequada a cada momento histórico, para que aqui e agora a Igreja seja sinal eficaz de salvação para os homens. Emerge então um objetivo último, muito claro e preciso: «Levar todos os homens a uma sempre mais plena comunhão de vida com o Pai e entre si, por Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja». Tal esforço comunitário-ecclesial explicita-se:

- pela presença da Igreja como fermento, no meio do mundo, levando os homens a uma autêntica promoção humana (Linha 6);

- pela Igreja que anuncia o mistério de Cristo, levando os homens à primeira adesão pessoal a Cristo vivo na realidade eclesial (Linha 2);

- pela ação de levar o Povo de Deus a uma iniciação cristã mais autêntica e de um aprofundamento da vida teológica, através da palavra e do testemunho da comunidade (Linha 3);

- pela celebração sempre mais autêntica do mistério de Cristo, na liturgia (Linha 4);

- pelo testemunho eficaz de unidade visível no amor, que une todos os membros do Povo de Deus reunido na Igreja Católica (Linha 1);

- pelo esforço de levar a comunidade eclesial católica a um autêntico relacionamento ecumênico com as Igrejas e denominações cristãs não católicas (Linha 5);

Estas seis linhas não são etapas, nem setores estanques, mas devem ser consideradas globalmente. O verdadeiro sentido de pastoral de conjunto é atingir, em conjunto, o objetivo geral, explicitado nestes seis aspectos complementares.

O questionamento e sua concretização

Tendo em vista o objetivo, o PPC tentou um questionamento partindo da situação concreta. Só depois definiu meios, instrumentos e atividades. Este questionamento se resume nos quatro pontos que seguem:

- até onde a situação dos homens realiza os grandes objetivos do desígnio divino?

- quais as tendências desta situação: fatores que conduzem à realização do objetivo divino e fatores que a dificultam?

- até onde os nossos meios e instrumentos estão respondendo a esta situação?

- diante destas constatações, que fazer? que diretrizes, atividades, recursos, podem ajudar mais eficientemente a realizar os objetivos explicitados pelo desígnio divino?

Assim, o PPC organizou-se com quatro programas:

- 1) levantamentos e pesquisas, com 20 projetos;
- 2) reflexão e elaboração teológico-pastoral, com 26 projetos;
- 3) formação e atualização, com 12 projetos;
- 4) montagem de novos serviços, com 5 projetos.

POVO



Plano nacional e planos regionais

O PPC nacional traça as grandes diretrizes para todo o País e prevê, de um modo global, as atividades a serem realizadas pelos organismos nacionais, durante o período de cinco anos.

Está previsto, também, o lançamento de planos regionais, como aplicação e concretização, em cada região, das diretrizes nacionais.

De modo geral, poderíamos dizer que 1966 foi o ano em que os secretariados nacionais assumiram o PPC em toda sua significação; 1967 foi a vez dos regionais; de 68 a 70 será a vez dos



planos diocesanos, lançados, revistos, aprimorados e integrados definitivamente num processo eficiente de planejamento pastoral.

Sem dúvida, após mais de dois anos de funcionamento do PPC, já se pode divisar um conjunto de realizações.

ESTUDANTES

Programa de pesquisas

Os regionais apresentaram os diversos projetos de pesquisas. Em fins de 1965, o CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), em contato com a assessoria de planejamento da CNBB, formulou todos os projetos em termos científicos e ficou encarregado da execução de quase todas as pesquisas.

Justamente neste campo das pesquisas, a CNBB inaugurou uma experiência pioneira. Entretanto, tem-se verificado que as pesquisas de sociologia religiosa, após enormes gastos de tempo e dinheiro, acabam sendo objeto de estudo apenas por parte daqueles que por elas se interessam e têm possibilidade de interpretá-las. A ação renovadora que exercem na pastoral é bastante indireta. Ciente desta limitação, a CNBB chamou a atenção para o fato de que os resultados das pesquisas devem estar na base das reflexões teológico-pastorais. Elas deveriam dar subsídios para a reflexão e conseqüentemente para as decisões pastorais, para a ação da Igreja em todos os seus níveis, para a formação do Povo de Deus e para a remodelação dos quadros eclesiais. Este encaminhamento exigiu entrosamento recíproco entre as pesquisas. Excluiu-se, assim, desde o início, a possibilidade de serem encaradas isoladamente. Embora respeitando os métodos científicos a serem empregados em cada uma delas, foram, no entanto, orientadas pelos objetivos do Plano, no sentido de se integrarem com os outros programas, em vista de uma renovação global da Igreja.

Até o presente momento, estão em andamento, ou já em vias de conclusão, 19 projetos de pesquisas e levantamentos sobre clero, religiosos e leigos, estruturas de Igreja, motivação religiosa, categorias mentais e anúncio da Palavra, situação atual do anúncio missionário, situação atual da pastoral litúrgica, da pastoral catequética, Igreja e família, Igreja e educação, Igreja e opinião pública, bens eclesiais, migrações e estações, locais de turismo, presença da Igreja nas populações indígenas, história religiosa.

Programa de reflexão

Este programa do PPC pretende dar à ação conjunta da Igreja um fundamento seguro, à luz da reflexão teológico-pastoral, baseada no Concílio, feita não apenas por peritos, especialistas e assessores, mas por pastores e membros do Povo de Deus, engajados na base e nas linhas de frente da Igreja.



A reflexão teológica é a tarefa de todo o Povo de Deus, cabendo aos diferentes membros funções diversas.

Os peritos dedicam-se mais diretamente à tarefa de reflexão, com trabalho mais sistemático e de caráter mais científico. Devem, para isso, estar em comunicação contínua com toda a vida da Igreja, porquanto a vida de todo o Povo de Deus e a consciência que ele possui do mistério revelado é elemento importante da reflexão teológica. Não se faz uma reflexão teológica baseada unicamente nos carismas do Povo de Deus, sem levar em conta a função jerárquica. Nem se faz reflexão teológica abstrata, desligada da vida do Povo de Deus e de sua existência concreta. Também não se pode identificar, pura e simplesmente, reflexão teológica com magistério jerárquico, correndo assim o risco de extinguir os carismas.

Até o presente momento já se realizaram 26 encontros nacionais, para reflexão. Em todos esses seminários de estudo, o que se buscou, foi um aprofundamento. O





objetivo não era dar receita para a ação pastoral. Pretendia-se uma fundamentação mais sólida, de acordo com o estado atual da reflexão teológica. Tal esforço possibilitou, a muitos, um estudo sério das questões, oportunidade para debate e diálogo em nível elevado, alargamento de posições e estímulo para continuar o estudo e a reflexão em conjunto. Quase todos os seminários procuraram atingir e aprofundar as questões-chave e, a partir delas, iluminar questões secundárias e traçar pistas de ação pastoral. Houve esforço de avanço e de criação, e fundamentaram-se melhor certas opções pastorais.

Entre os diversos encontros destacamos os que refletiram sobre:

- **Presença da Igreja no desenvolvimento**, realizado em Petrópolis, de 19 a 22 de fevereiro de 1966. Contou com a presença de 40 participantes entre peritos e representantes dos regionais. A reflexão fez-se sobre os aspectos da realidade brasileira, à luz da *Gaudium et Spes*. Um segundo encontro, continuando esta reflexão, realizou-se em Recife, de 29 de outubro a 2 de novembro de 1966.

- **Presença da Igreja no campo sócio-econômico-político**. Rio de Janeiro, 19 a 22 de fevereiro de 1968. 30 participantes. Seu objetivo: reflexão sobre a *Populorum Progressio* e as conclusões de Mar del Plata; constituição de um grupo de trabalho nacional, integrado por elementos de todos os regionais para aplicação concreta das conclusões desses documentos e assessoramento do Secretariado Nacional de Ação Social (SNAS).

- **Pastoral educacional**. Rio de Janeiro, 27 a 30 de junho de 1966. 32 participantes. Refletiu sobre as atuais condições da ação eclesial, no campo da cultura, e como aplicar, nesse setor, as decisões conciliares. O documento *Educação cristã à luz do Concílio*, amplamente divulgado pelo Secretariado Nacional de Educação, pela CRB e pela Associação de Educadores Católicos, foi objeto de estudo.

LITURGIA

FAMÍLIA



- **Deslocamentos e estações**. Rio de Janeiro, 27 a 29 de maio de 1966. 12 participantes, especialistas convidados pelo Secretariado Nacional de Pastoral Especial. Considerou o problema migratório brasileiro e procurou grandes linhas para a melhor atuação da Igreja, nesse campo.

- **Teologia da vocação**. Salvador, 1 a 6 de agosto de 1966. 71 participantes. Reuniu elementos básicos sobre o conceito de vocação, a mediação da Igreja no diálogo divino-humano de salvação, a vocação fundamental do homem e suas realizações concretas, bem como elementos específicos de uma pastoral vocacional, relacionada com a pastoral de conjunto.

O segundo encontro sobre pastoral vocacional realizou-se em Belo Horizonte, de 31 de julho a 5 de agosto de 1967, com 49 participantes. Seu objetivo foi uma reflexão sobre a fundamentação teológica da fé e vocação; educação da fé e pastoral vocacional.

MISÉRIA

BISPOS

FREIRAS



- **Seminários**. São Paulo, 18 a 23 de julho de 1966. Refletiu sobre a formação dos presbíteros à luz das exigências da Igreja no Brasil e das diretrizes traçadas pelo Vaticano II, para oferecer ao Episcopado brasileiro subsídios e assessoria qualificada, no tocante à orientação a ser dada aos seminários.

Em 1967, em São Paulo (17 a 22 de julho de 1967), de um segundo encontro resultou o documento *Questões sobre seminários a serem debatidas no Sínodo Episcopal*, encaminhado como subsídio aos bispos.

Em Belo Horizonte (15 a 17 de dezembro de 1967) reuniram-se 17 peritos convocados pelo Secretariado Nacional de Seminários e pelo de Teologia, a fim de planejarem atividades para a atualização dos professores de Teologia, elaborarem uma reflexão teológica original sobre a realidade brasileira e fazerem uma análise sobre a situação da Teologia, no Brasil, em suas necessidades e perspectivas.

- **Comunidade eclesial de base**. Rio de Janeiro, 12 a 17 de junho de 1967. 21 participantes. Neste encontro, procurou-se esclarecer e aprofundar as exigências das comunidades eclesiais de base, seu sentido e dimensão, seu papel na pastoral de conjunto.

- **Trabalhos das religiosas em paróquias sem pároco residente**. 85 participantes, sendo 18 bispos, 14 teólogos e 53 religiosas. As conclusões deste encontro constam do documento *A religiosa na Igreja renovada*.

- **Evangelização**. Belo Horizonte, 6 a 13 de fevereiro de 1966. 79 participantes, convidados pelo Secretariado-Geral da CNBB. Focalizou a Teologia e o conteúdo da evangelização, os destinatários da mensagem, os obstáculos à ação evangelizadora e a comunicação da mensagem.





CAMPONÉS

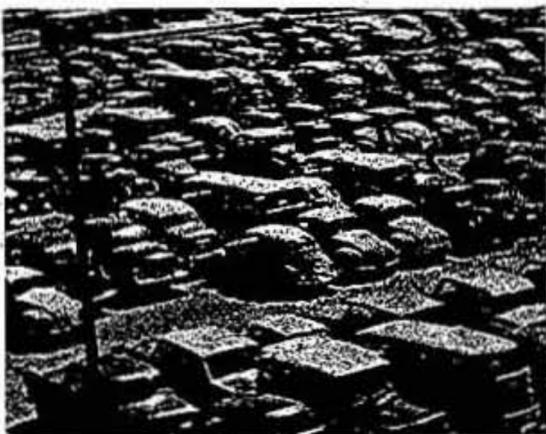
CIDADE

JOVENS

• **Pastoral da desobriga.** Brasília, 21 a 26 de agosto de 1967. Presentes 54 representantes de 30 prelazias. Objetivo: ajudar os pastores das áreas de prelazias a encontrarem uma pastoral adaptada à sua situação, às suas possibilidades e ao ambiente humano dessas regiões.

• **Presença da Igreja nas populações indígenas.** São Paulo, 19 a 26 de fevereiro de 1968. 18 participantes, especialmente convidados pelo Secretariado Nacional de Atividade Missionária. Fêz-se um estudo sobre a ação missionária junto à população indígena e sobre as medidas que possam ajudar o esforço de renovação nestas áreas missionárias. As conclusões do encontro falam da promoção humana e da evangelização; há recomendações sobre a posição com respeito ao Governo, aos prelados e superiores maiores; sobre a formação de futuros missionários e sobre a atualização dos que trabalham em missões, junto aos índios; sobre a coordenação da pastoral indígena e a continuidade da reflexão.

• **Ecumenismo,** Petrópolis, 6 a 8 de junho de 1966. 23 participantes, especialmente convidados pelo Secretariado Nacional de Teologia. Refletiu-se sobre o ecumenismo na situação brasileira, tomando como base o anteprojeto do Diretório Ecumênico para a Igreja Universal *Ad totam Ecclesiam*, oferecido *ad experimentum* ao Episcopado. Houve ainda vários outros encontros sobre Pastoral junto aos Enfermos, Pastoral do Matrimônio, Pastoral da Penitência, Música Sacra, Arte Sacra e Sistemas de Sustentação de Igreja e bens eclesiásticos.



Programa de formação

Partindo das exigências de nossa realidade e dentro das perspectivas conciliares, o programa de formação visa criar quadros necessários para a renovação da Igreja.

As atividades deste programa foram confiadas, em grande parte, à iniciativa dos regionais, das dioceses e de outros organismos. O programa nacional de formação concentrou esforços apenas em realizar algumas tarefas-chave e formar elementos destinados a uma atuação de nível superior.

Deste programa foram efetivados 15 projetos. Dentre eles salientamos os que se referem a:

• **Responsáveis por seminários** (Curso em São Leopoldo, RS, desde 1966, reunindo participantes dos vários regionais);

• **Diaconato** (projeto para aprofundamento pastoral do assunto e assistência aos responsáveis pela formação de futuros diáconos em diversos regionais e dioceses);

• **Apostolado leigo** (tentou-se o entrosamento entre os diversos movimentos e aprofundou-se o estudo sobre o papel do leigo e sua ação apostólica à luz dos documentos conciliares);

• **Atualização do clero** (em 1966 e 1967, foram ministrados, pelo Secretariado Nacional do Ministério Hierárquico, 112 cursos de atualização conciliar, em todos os regionais, e em fevereiro de 1968 realizou-se um encontro nacional para a revisão do trabalho já efetuado nos anos anteriores);

• **Responsáveis pelas equipes de assessoria aos regionais e dioceses** (o primeiro encontro, em Belo Horizonte - 20 de novembro a 10 de dezembro de 1966 - reuniu 50 participantes; o segundo, em Recife - 15 a 30 de maio de 1967 - reuniu 40, e o terceiro, em Brasília - 7 a 20 de agosto de 1967 - reuniu 41. Estes cursos constaram de fundamentação teológica e prática de planejamento pastoral. Os cursos contaram com a participação de psicólogos e técnicos em comunicação;

• **Responsáveis regionais sobre Igreja e opinião pública.** No Rio de Janeiro, de 30 de outubro a 4 de novembro de 1966, realizou-se um encontro com o objetivo de fundamentar melhor a ação da Igreja nos meios de comunicação social no Brasil, e sua posição em face da opinião pública.

Um segundo encontro, também no Rio de Janeiro (30 de outubro a 3 de novembro de 1967), representou mais um esforço de reflexão sobre a ação pastoral da Igreja nos meios de comunicação social: periódicos, revistas, TV e cinema.

A presença da Igreja na TV e o modo de caminhar para a produção de programas de inspiração cristã foi o objeto de estudo dos 14 participantes que se reuniram no Rio de Janeiro, a 18 de fevereiro de 1968.



PADRES

Montagem de novos serviços de assessoria

Este programa insistiu, sobretudo, no projeto de montagem de assessoria ao planejamento pastoral. Realizou-se um encontro nacional, de 9 a 14 de maio de 1966, para os subsecretários regionais e mais dois elementos da região, sendo um deles técnico em planejamento, capaz de, futuramente, assessorar o regional. Outro elemento convidado deveria ser perito em pastoral de conjunto. O encontro conseguiu dar aos participantes segurança sobre a maneira de conduzir o planejamento e sugeriu medidas concretas para a elaboração dos primeiros planos regionais. O documento resultante — *Planejamento Diocesano* — foi amplamente divulgado nos regionais e nas dioceses.

Conclusão

Informations Catholiques Internationales (junho 1966, nº 265, pp. 7-9) dedicava longo comentário ao *Plano de Pastoral de Conjunto*. A tônica do artigo era: «Um plano quinquenal exemplar e promissor, um realismo novo... plano doutrinariamente bem motivado e fundamentado...» Um arcebispo africano falava a propósito: «O Brasil está sendo, no continente americano, a *avant-première* da resposta pastoral da Igreja, nos problemas do Terceiro Mundo».

Aqui, no Brasil, quais as reações mais comuns?

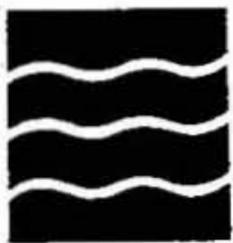
— Alguns não dizem coisa alguma, porque as preocupações excessivas e, às vezes, exclusivas pelas construções paroquiais os absorvem totalmente... Outros se assustam com informações parceladas e fora de contexto. Uns vivem mergulhados em amarguras por causa da Jerarquia e, algumas vezes, até de colegas... Outros, decepcionados com iniciativas outrora pioneiras e hoje de retaguarda, lamentam que «nada se faz»... Muitos, afinal, e seu

número aumenta cada dia, descobrem que estamos caminhando corajosa e perseverantemente, na linha da autenticidade evangélica e da encarnação responsável no Brasil de hoje.

O que achamos de mais positivo é que, no Brasil, começamos a pensar, e não somente a pensar, mas, a realizar uma pastoral própria. Não se trata de encontrar novas fórmulas pastorais, ou novos métodos que por si mesmos sejam eficazes... Trata-se de uma nova concepção de pastoral plenamente evangélica, totalmente comunitária, seguramente teológica, inteligentemente planejada, perseverantemente executada, sinal da unidade visível da Igreja, testemunho sacramental de amor efetivo para com todos os homens. Isto, para nós, é o *Plano de Pastoral de Conjunto*.



MÃOS A OBRA



**ARTES
'
E TÉCNICAS**

Quase dois anos depois do lançamento no festival de Cannes, apareceu aqui o filme **A Religiosa**, de Jacques Rivetté. Todos se lembram da celeuma que causou dentro e fora da França. Enquanto o Secretário do Estado, Bourges, proibiu o filme para exibição e exportação, o Ministro Malraux autorizou a saída para o festival de Cannes. Choveram os protestos. De um lado, criticando a interdição, estavam os artistas não católicos, os padres e as religiosas católicas. De outro lado, estavam a União das Superiores Maiores da França e a Associação dos Pais, antigos alunos de colégios religiosos que apoiavam a interdição. Esses últimos achavam que «os meios católicos não suportariam o conteúdo do filme». A Central Católica do Cinema da França deixou passar o filme com a classificação «adultos, com reservas». Diz-se que o protesto da União das Superiores Maiores não teria sido levado em conta, se os bispos da França, naquela ocasião, estivessem nas suas casas. Era entretanto o período final do Concílio, e eles se encontravam em Roma.

A narrativa

O título completo do filme é: **Suzanne Simonin, la religieuse**

de **Denis Diderot**. Insisto no título, porque gera a distância necessária para um julgamento desapassionado. Coisa que o autor também queria. Outra observação preliminar é que o livro de Denis Diderot (1713-1784) nunca esteve no **Index** da Igreja Católica.

A história gira em torno de uma religiosa que nunca deveria ter aceito o estado de religiosa. Filha ilegítima de uma família patriarcal, entra no convento, obrigada sobretudo pela mãe que não queria revelar o seu pecado do passado. Após a morte de sua primeira superiora, Madame Moni, que compreendia a situação, Susana tem uma outra mais jovem e jansenista. (Jansenius negava o livre arbítrio). Esta procura *dobrar* Susana, mas Susana ganha o duelo até certo ponto. Não consegue a dispensa dos votos, mas é transferida para outro convento, contraste do primeiro. Se naquele havia rigidez, austeridade e intolerância, neste Susana encontra um ambiente alegre, uma maneira de viver que chega ao laxismo. Também aqui Susana não agüenta a vida. Foge com o confessor, que é logo repellido. Vemos a ex-religiosa como passadeira, mendiga, aliciada para um bordel,

A RELIGIOSA

de onde salta por uma janela. Um final que Diderot apenas sugere.

As intenções de Rivette

«Não procurei o escândalo, afirma J. R., nem quis colocar em descrédito as ordens religiosas. Poderia ter escolhido uma comunista militante, à qual o Partido em nome do seu ideal e do seu devotamente à causa impõe o celibato». Ele queria somente acusar a violência odiosa que con-

mática clássica. Na primeira parte vemos como é recebida pela superiora. Ouvimos as conversas entre ambas e as formulações sobre a vida espiritual que figuravam nos tratados sobre esses assuntos até há pouco tempo antes do Concílio, mas que daí por diante seriam formuladas de outra maneira. Todas as religiosas do filme, aliás, procuram realizar um ideal cristão. Uma classe é demasiadamente severa consigo, mesma, a outra é laxa demais.

pai de família, a impossibilidade de trabalhar fora de casa para uma moça de boa família, a supremacia do direito canônico sobre o direito civil, tudo quanto impede Susana para o convento, são coisas tipicamente do século XVIII, mas que não desapareceram totalmente ainda em nossos dias. E frisamos, o filme não entra nessa polêmica, mas, como já dissemos, é apenas um estudo pessoal da questão de como uma pessoa humana deve alcançar sua liberdade individual.



siste em pressionar a consciência de alguém, de uma pessoa generosa, precisamente abusando da sua generosidade ou do seu ideal. Rivette visualiza, da primeira até a última imagem, a luta pela liberdade humana, constante da obra de Diderot e desta carta em forma de diário que a religiosa escreve a um protetor fora do convento.

O filme

Divide-se o filme em três partes conforme a construção dra-

Em ambas as partes há excessos. Somente Susana é ela mesma, reagindo da maneira mais natural. Ela é vítima de ambas as tendências. O filme não ataca a honra das religiosas de hoje, «des anciennes éducatrices des nos mères et des nos épouses et pour la plupart des nos enfants», como disse a Associação dos Pais dos alunos de colégios religiosos.

O aspecto polêmico é intimamente ligado à época. A injustiça do sistema do dote, a vergonha de ser filha ilegítima, a tirania do

Na segunda parte, Susana tem que enfrentar Madame Cristina que tem uma vontade louca de teologizar à maneira dos jansenistas. Sem dúvida, existe aí uma distorção do cristianismo contra a personalidade, mais livre, de Susana. Tiram-lhe a Bíblia e obrigam-na a fazer o papel de uma possessa. Ela é torturada espiritual e fisicamente até o fim.

A terceira parte coloca Susana no ambiente eufórico de Madame de Chelles, que não poderíamos imaginar num convento dos nos-

depois, inclina-se com certa grandeza. Quanto à terceira, ela também é emocionante. Foi obrigada como Susana a entrar na vida religiosa. Caiu no vício, mas, em face da inocência de Susana, fica desarmada. Suscita tanta piedade quanto Susana. O que mais me tocou no filme, no seu todo, é o que os autores mostraram como essencial: a vocação é uma resposta a um apêlo de Deus, e esta resposta é livre e não pode ser senão livre. Podem as religiosas, portanto, sentir-se atingidas pelas acusações que o filme lança contra a vida nos conventos?

É verdade o que, às vezes, as religiosas querem dizer sob uma forma ou outra: a vida do convento as submete a obrigações inadmissíveis, a vida coletiva conduz certas pessoas a práticas imorais. Mas, neste filme, as acusações assumem uma forma tão exagerada, que é pouco provável o público imaginar que as coisas se passam assim nos conventos atuais. Os fatos devem ser colocados dentro do seu contexto histórico.

A pressão exercida para forçar vocações é uma acusação que não se refere aos dias de hoje. É quase o contrário o que se dá. Quantas mães se queixam de não se querer mais recebê-las no convento, quando pensam que têm vocação! E, às vezes, as famílias protestam com elas contra a prudência que se usa para aceitá-las como religiosas. Cada ano, vejo, mais ou menos, cinquenta jovens que querem entrar na vida religiosa. Dessas, a trinta e cinco mais ou menos desaconselha. E das quinze que chegam a entrar em o noviciado acabam sobrando apenas umas oito que, de fato são admitidas aos votos.

De qualquer maneira, é difícil informar o público sobre a verdade da vida religiosa. A vocação religiosa é um mistério difícil de explicar aos que não têm religião. Mas dessa falta de informação do público devem tomar consciência as próprias religiosas. Elas deviam conhecer melhor as exigências do mundo de hoje. Todas as atividades desenrolam-se, atualmente, numa casa de vidro, e a vida religiosa não escaparia a essa condição. Cabe a nós corresponder a tal necessidade de informação» (Télérama, 847, pp. 75-76).

em torno de uma

ENTREVISTA



Nem todos os leitores conhecem o boletim TELEPAX, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no qual saiu uma entrevista com o colaborador habitual desta seção. Algumas afirmações causaram por si certa celeuma, celeuma agravada quando um diário carioca publicou só em parte a entrevista. CONVERGÊNCIA julga prestar um serviço aos seus leitores transcrevendo-a por inteiro e acrescentando algumas novas observações do próprio entrevistado.

UMA frase muito mal interpretada foi «a estupidez no julgamento moral que não acompanhou a evolução dos conceitos morais». Quando falo em evolução, não quero absolutamente dizer que já veio ou virá o dia em que o assassinio, o roubo, o ódio, o adultério etc. não são mais imoralidades. Não falei no mal moral em si mas, em se tratando do teatro e do cinema, na representação do mal. Que o artista possa representar o mal é questão pacífica. Já Pio XII o admitiu em sua alocução aos produtores de cinema na Itália, *Il filme ideale*, em 1955, indicando também as condições para fazê-lo. Essas condições são válidas até hoje, embora atualmente as formulemos de outra maneira.



O que houve nos últimos anos foi uma mudança bastante grande quanto à influência da representação do mal no espectador ou no ouvinte. Com os meios de comunicação social e a maneira atual de viver, ninguém mais está isolado do mundo. Não existem mais famílias ou comunidades fechadas. Vivemos numa sociedade aberta e pluriforme, lado a lado com o mal em todas as suas manifestações. Diariamente nos defrontamos com o mal em nossa própria família, no local de trabalho, nas ruas, na imprensa, na publicidade erótica esmagadora. O não-saber não existe mais. O misterioso, ou seja, a atração do desconhecido com respeito ao mal diminuiu muito em nossos dias. Se este embotamento é um bem, é outra questão; mas que ele existe, existe. E *contra facta non valet ratio!* Não adianta raciocinar contra os fatos, ou lamuriar ou protestar. A realidade é essa. Ora, é justamente pela influência que medimos, tanto no passado como hoje, a moralidade dos filmes para esta ou aquela categoria de espectadores. Verificada uma familiarização muito maior com o mal, nos dias de hoje, podemos julgar um filme mais benignamente.

Outra frase que causou celeuma: «Admito o palavrão, o nu artístico e a cena de alcova». Tirada do seu contexto, ou lida por uma mente obtusa que não vê diferença entre pura pornografia e a obra séria de arte, pode causar estranheza. Ajuntei porém: «quando isto tem sentido dentro da obra, quando há uma necessidade da dramaturgia interior, da caracterização psicológica do personagem, do ambiente, de uma situação». Quando escrevi que havia um erotismo sadio no teatro e no cinema, pensei por exemplo no filme *Um Homem... Uma Mulher* — filme aliás premiado pelo Office Catholique International du Cinéma. Este filme contém uma cena de alcova absolutamente necessária, tanto do ponto-de-vista psicológico como dramático. É nesta cena que se ma-

nifesta a fixação psicológica da mulher ao primeiro marido falecido. Pensei nas seqüências iniciais do filme *Hiroshima, Mon Amour*, no nu artístico significativo em *Cléo das 5 às 7*, completamente diferente do nu comercial, do *strip-tease*, sem necessidade dramática em 99 por cento dos casos.

Admiti, igualmente, que hoje em dia existem muitos excessos neste ponto, sinal de imaturidade dos autores teatrais ou de cinema, de insegurança ou de especulações comerciais. Admito a censura como necessária para discenir entre a arte e suas exigências e o comercialismo. E como não, se até um Jean-Luc Godard admite a censura? Numa entrevista com Paulo Giannoli (*Elsevier* 20 de janeiro, 1968, pp. 49-51) este perguntou:

— O lançamento de *A Religiosa* pôs mais uma vez a questão da censura. Você, naturalmente, é grande adversário da censura, em qualquer forma, não?

— Godard: «Sou a favor da censura, quando esta for feita de maneira inteligente e sensível. Fazer censura é tão difícil quanto proferir uma sentença no tribunal. Mas é uma necessidade.

— Você acredita que a abolição da censura levaria a excessos?

— Menos do que se pensa. Com respeito às cenas eróticas, por exemplo. Sem censura se faria muita pornografia, mas não atrairia muita gente por muito tempo. Pornografia enjoa logo. Mesmo os que a fazem, dela enjoam depressa».

Acho que devo estas explicações aos meus leitores que encontraram ou talvez ainda venham a encontrar na imprensa distorções do meu pensamento.

GUIDO LOGGER

A ENTREVISTA

CENSURA OU PESADELO?

A frase é do censor a um produtor cinematográfico: «É isso mesmo, ou vocês mudam, ou acabam».

Comentando esse dito de tamanha intolerância, Dias Gomes, diretor de *O Pagador de Promessas*, disse: «É realmente o que vai acontecer com o teatro e o cinema brasileiro: ou acabamos com essa censura, ou a censura acaba conosco».

Concedida pelo Padre Guido Logger, reproduzimos a íntegra da entrevista que sobre a questão dá a conhecer o pensamento do Diretor da Central Católica de Cinema.

Para o senhor, a censura brasileira age por estupidez ou má-fé?

— Vamos tirar a questão da atmosfera emocional e raciocinar um pouco como adultos? Censura não é nem uma nem outra coisa quando se trata da censura em si. O fato é que ela existe nas melhores democracias, nos regimes totalitários e nos Estados policiais. Em princípio, censura é a defesa contra os possíveis excessos que autores de teatro ou de cinema podem cometer contra a ordem pública e moral. Para mim, não existe liberdade absoluta, incondicional, para ninguém, nem para o artista. Nossa liberdade é condicionada pelo bem-estar material e espiritual do outro, quiçá da comunidade.

A dificuldade está em estabelecer, qualificar o excesso, o abuso da liberdade. Estupidez política, o medo exagerado de ataques ao regime estabelecido, estupidez no julgamento moral que não acompanhou a evolução dos conceitos morais, a queda de certos tabus pela modificação das circunstâncias, através da intensíssima comunicação dos meios visuais como a imprensa fartamente ilustrada, o rádio transistorizado, a televisão e a publicidade esmagadora.

Não, não suponho má-fé em ninguém, nem no meu pior inimigo, mas acho que existem conceitos **quadrados** e ultrapassados que o outro acha absolutamente certos por causa de mil fatores, de educação, de ambiente e de concepção da vida.

Palavrão no teatro é excesso?

— Admito o palavrão no teatro, o nu no cinema e a cena de alcova, quando isto tem sentido dentro da obra, quando é uma necessidade da dramaturgia interior, da caracterização psicológica do personagem ou de uma situação. Existe um erotismo sadio, limpo, no teatro e no cinema. O eros faz parte da vida do homem, e onde se dá um retrato do homem, o eros tem que aparecer, senão a imagem do homem, contemporâneo ou não, não seria completa. Seria mentirosa e menos convincente.

Mas admito, também, que nos tempos atuais há um excesso, aliás explicável, no uso do palavrão, do nu e da cena de alcova. A meu ver, um excesso passageiro, que existe na vida de cada homem e de cada nação.

O menino que acaba de sair do retiro do lar, que entra num mundo maior, sente-se inseguro. Precisa de auto-afirmação. E um

belo dia espanta os pais com alguns palavrões cabeludos. O mesmo está acontecendo com certas nações. A Inglaterra, por exemplo, ficou mais tempo no puritanismo da era vitoriana. Hoje, ostenta as mini-saias mais curtas, e a **swinging Londres** é a cidade mais **hippie** do mundo.

Esse tempo de auto-afirmação passa, na maioria dos casos, com a maturidade. Só o imaturo tem necessidade de auto-afirmação, ou o imaturo em certos pontos. Daí os excessos dos que buscam sensacionalismo, o choque pelo choque, a moda passageira, interesses comerciais e outros fatores inconfessáveis. Numa palavra, a falta de honestidade e de autenticidade do artista, tanto para com sua obra, quanto para com o público.

E ninguém pode negar que esta falta de honestidade profissional e intelectual existe. Todo mundo pode verificar isso num determinado gênero de filmes que passam em determinados cinemas e que têm seu determinado público de **voyers**. A censura aí está para discernir entre o embuste das obras chamadas **comerciais** e a necessidade dramática das obras de arte. Tarefa difícil e ingrata!

Quais as conseqüências para o cinema nacional e estrangeiro?

— Você quer dizer de uma censura estúpida? Bem, as censuras passam e a cultura permanece. Onde há estupidez censural, queima de livros, a literatura passa escrita à mão, o teatro é levado às adegas e os filmes passam para a garagem. A cultura cresce nos subterrâneos como a fé nas catacumbas romanas. O problema é transitório.

O que fazer, então?

— Fazer uma seleção de pessoas capazes, sobretudo de educadores, para fazer censura. Não precisamos de educadores profissionais, especializados. Queriamos o que chamam bons, razoáveis pais de família, com responsabilidade, que conhecem os problemas da infância e dos adolescentes. Eu não gostaria de ter críticos teatrais ou cinematográficos na censura. Eles vêm a arte e passam adiante dos problemas pedagógicos, psicológicos ou éticos.

Além disso, devem conhecer bem a arte teatral ou cinematográfica para discernir corretamente a necessidade dramática, de que falei acima, da exploração comercial, das **modas** passageiras, do supérfluo.

Devem saber que nenhum filme derruba um regime político. É um conjunto de circunstâncias que faz isto — conjunto, do qual um filme ou uma peça teatral, quando muito, é uma causa concomitante.

Dou muita importância ao chefe da censura. Noventa e nove por cento de filmes não criam caso. Mas quando criam é o chefe que pode e deve corrigir os erros de uma turma de censores.

Eu gostaria que os censores tivessem coerência nos seus julgamentos. Severidade para os produtos hipócritas, como aqueles filmes comerciais a que me referi, e liberalidade com as autênticas obras de arte. E... um mínimo de decência e respeito, ao qual todo e qualquer homem tem direito num ato público, que é assistir a uma peça teatral ou a um filme.



CENSURA-PESADELO
gravura de 1820
ilustração de
"Chansons"
de Béranger



MARTIN LUTHER KING

Com um fuzil de mira telescópica, a 5 de abril deste ano, quinta-feira à noite, foi assassinado o líder negro, Martin Luther King. Segundo o noticiário internacional, a arma usada era do mesmo tipo da que matou o Presidente Kennedy. Martin Luther King, Prêmio Nobel da Paz, lutava pela integração racial norte-americana, adotando a filosofia da não violência, como Gandhi o fizera para a Índia, onde, por sinal, também este morrera assassinado.

King nasceu em Atlanta, no ano de 1929.

Em 1956 foi eleito Pastor da Igreja Batista. Pertencendo a uma família de classe média, trabalhava durante as férias em diversas fábricas para conhecer os problemas reais dos operários.

Foi prêso pela primeira vez aos 26 anos. Por duas vezes, bombas explodiriam em sua casa. Quando, nesta ocasião, alguns negros resolveram revidar, condenou formalmente toda a violência.

Em 1960, inaugurou a técnica do sit-in: permanecerem sentados em lugares escolhidos, apesar das agressões. Esta técnica espalhou-se rapidamente como forma característica de resistência negra neste

período. A etapa seguinte foi a das grandes marchas (a marcha sobre Washington, durante o Governo Kennedy, reuniu mais de 200 000 manifestantes negros e brancos).

King recebeu grande influência de Thoreau, autor de Ensaio sobre a desobediência civil.

Nessa época, ele atinge o máximo de seu prestígio e representa a ala moderada do movimento negro.

Sua tática começa a evoluir. Segundo um de seus auxiliares «é necessária uma crise para haver negociações; adotar uma atitude moderada na esperança de obter ajuda dos brancos não dá resultado». Ou, como diz um dos líderes negros, «branco só sente dor quando é ferido na carteira». Nesta perspectiva, por volta de 1965, King começa a ligar o movimento negro interno com problemas de política interna e externa dos EUA. Data deste ano sua primeira declaração de que «injustiça social, racismo, pobreza e guerra estão indissolúvelmente ligados». Sem dúvida, o elo de ligação entre todas as injustiças mundiais é o «Imperialismo Internacional do Dinheiro». Somente este explica, por exemplo, a contradição apontada por King em River-

side: «Estamos agarrando jovens prêtos que foram mutilados pela nossa sociedade e mandando-os para 13 000 quilômetros daqui a fim de garantirem no Sudeste da Ásia as liberdades que não encontraram no Sudoeste da Geórgia ou na zona Leste do Harlem. A partir de então, interessa-se ativamente, cada vez mais, pela guerra do Vietnã. E por esse motivo surgem as primeiras insinuações de que ele é comunista. Aparecem, na imprensa, sucessivos ataques, e as organizações negras conservadoras começam uma campanha contra a liderança de King.

Últimamente, Luther King era como uma ponte entre diversos movimentos negros. Dialogava com os líderes do poder negro sem, no entanto, lhes aceitar totalmente as idéias. Presidia, também, à Conferência dos Líderes Cristãos do Sul.

As conseqüências imediatas de sua morte logo se fizeram sentir: seus próprios seguidores, em menos de horas após o atentado, explodiram em manifestações violentas em Memphis e várias outras partes do Sul dos Estados Unidos; voltaram os saques, as depredações e os incêndios, até então utilizados apenas pelos homens do Poder Negro; começaram choques com a polícia, em Miami, na Flórida,



IGREJA NO MUNDO

Raleigh, Carolina do Norte, e Memphis, onde foi inclusive restabelecido o toque de recolher e de retornarem às ruas as barricadas policiais.

A importância do acontecimento pode ser medida pela decisão do Presidente Lyndon Johnson, tomada logo ao saber do atentado, de suspender sua viagem ao Havaí, onde manteria conversações com as autoridades militares norte-americanas sobre o problema da guerra ou da paz no Vietname.

Quanto à autoria do crime, as notícias são ainda as mais confusas, havendo porém uma constante: a suspeição de que foi um ato bem planejado, o que excluiria a hipótese de ser ação de um elemento isolado.

É de se esperar, contudo, que a longo prazo a morte de Luther King venha a beneficiar os líderes mais radicais da integração racial, favoráveis à violência armada, principalmente a corrente de Stockeley Carmichael e Rap Brown, os adeptos da guerrilha urbana e luta civil aberta, que há muito vêm desenvolvendo intenso trabalho de «recrutamento» nas fileiras da grande legião de adeptos de Luther King. Parece que têm eles, com o atentado ao prêmio Nobel da Paz, o argumento final para a outra etapa da campanha de integração: o Poder pelas armas.

Um mestre da imprensa católica moderna: padre Émile Gabel

Em trágico acidente aéreo, ocorrido dia 6 de março passado, em Pointe à Pitre (Guadalupe), encontrou a morte o Padre Émile Gabel, fundador e grande animador da União Católica Internacional da Imprensa. Como se sabe, o famoso assuncionista, ex-diretor do jornal *La Croix* de Paris, conselheiro religioso da Rádio Luxemburgo, perito conciliar e membro da Comissão Pontifícia de Meios de Comunicação Social, dedicou toda a sua vida à causa da imprensa católica. Teve mesmo um papel decisivo nas pesquisas e nos esforços para dar-lhes fórmulas e orientações mais abertas e mais concordes com as exigências de nossa época. Para atingir esse objetivo, percorreu quase todos os países dos cinco continentes e esteve várias vezes no Brasil. Regressava de uma importante viagem à América Latina quando ocorreu o acidente que o vitimou.

Teólogo de notória competência, jornalista por temperamento e consumada tarimba, era um espírito lúcido, escrutador penetrante dos problemas de nosso tempo e, além disso, animador e realizador eficiente. Procurou por todos os meios libertar os órgãos de expressão da opinião pública da Igreja dos bloqueios que a sufocavam por volta de 1945. Combateu decididamente não só a imprensa medíocre e inexpressiva mas, de maneira especial, a imprensa enquistada na defensiva, aferrada aos argumentos apologeticos, isolada no dogmatismo, alienada dos problemas reais do nosso tempo.

Para ele, a imprensa católica deve ser o *carrefour* do diálogo entre a Igreja e o mundo, o ponto de encontro entre a religião e a vida, entre a cidade de Deus e a

cidade dos homens, um centro de convergência em que a opinião pública pode realmente encontrar o cristianismo. Para chegar a isso, ela deve ser autêntica, dócil à natureza dos instrumentos que utiliza, dentro de seu enraizamento geográfico e social. Deve pautar-se pelas leis gerais da informação, confrontando os fatos da atualidade com a mensagem evangélica. Torna-se assim, dentro da Igreja, um instrumento permanente de revisão, de reforma e de renovação.

Na sua opinião, a informação não deve ser um artigo de luxo, um passatempo para especialistas e esnobes, uma despesa improdutiva. Ela deve ser útil à sociedade, deve ser um dos meios mais eficazes na luta contra a miséria, um fator de desenvolvimento econômico e social, um órgão de ação educativa permanente. A informação é para o público um direito. É, em todas as sociedades humanas, uma alavanca insubstituível para o progresso.

Em um de seus últimos escritos, Émile Gabel define, assim, a tarefa específica da imprensa católica: «Ela deve interessar cada vez mais o homem no católico e, para além dos católicos, atingir todos os homens (...). É preciso que toda a comunidade católica dê testemunho de sua fé no mundo em que vive e que procure estar presente ao homem de nosso tempo (...). Já que a informação é um dos fenômenos sociais e culturais mais característicos do século XX, uma informação do povo cristão mais extensa, mais detalhada, mais confiante e mais freqüente é uma necessidade da hora atual e não poderá de maneira alguma prejudicar a estrutura divina da Igreja. Ela estaria apenas em ruptura com certas práticas contraídas no tempo do poder absoluto ou da diplomacia» (*Informations Cat. Int.*, 15 de março 1968).



IRMÃ GUILLEMIN, FILHA DA CARIDADE

As Filhas da Caridade perderam sua Superiora a 28 de março passado. Madre Guillemmin tinha sido operada no dia 23 anterior e estava passando bem quando foi vitimada por uma embolia. A notícia de sua morte foi grandemente sentida por todo o mundo católico. Madre Guillemmin foi uma das primeiras auditoras do Concílio e uma das primeiras mulheres a ser escolhida para membro da Cúria Romana. Sem dúvida, ela era um exemplo de promoção atual da mulher no seio da Igreja. Sem fanatismos preocupava-se não só com os problemas interiores de sua Congregação, mas também com as lutas e valores do mundo de hoje. Ocupou o cargo de Superiora de diversas obras locais, e em 1954 foi encarregada de dinamizar todas as obras das Filhas da Caridade, dentro da França. Iniciou a atualização dos diversos ramos (educativo, hospitalar, social) da Congregação. Eleita Superiora Geral em 1962, imediatamente se empenhou na realização da perspectiva conciliar sobre a atualização das comunidades religiosas.

Em março de 1967, foi nomeada consultora da Comissão Justiça e Paz e, em fevereiro de 1968, consultora da Congregação dos Religiosos.

Membro do conselho geral da União Internacional de Superiores Gerais, preparava ativamente a Assembléia Geral das Filhas da Caridade, que deverá ser realizada em junho.

Em sua última circular às religiosas da Congregação escrevia: «Nossa razão de ser é encarnar a caridade. Devemos humanizar a técnica e fazer dela o veículo da ternura de Cristo».

SECULARIZAÇÃO

O tema da Secularização está sendo um dos mais palpitantes do momento pós-conciliar nos meios teológicos. Em conferência de hora e meia pronunciada recentemente na Universidade Gregoriana, o conhecido teólogo Karl Rahner discorreu sobre o tema do **mundo secularizado**, isto é, não o mundo que se opõe ao religioso, no sentido hostil ou ateu, mas o mundo que alcançou maior separação e independência da Igreja como instituição.

Em sua primeira proposição, o conferencista austríaco procurou demonstrar a existência de uma secularidade do mundo cristão, plenamente justificada e admitida pela própria Igreja, especialmente supondo a crítica a um certo **integrismo**, o qual pensa que a Igreja, com base nas máximas gerais do Evangelho e do direito natural, pode apresentar, para a vida do mundo, princípios determinantes e absolutamente concretos de conduta, podendo assim, ao menos indiretamente e por **razão de pecado**, manipular o mundo. Um tal integrismo, no entanto, é falso e, em última análise, também antieclesial, ainda que persista sempre como tentação para a Igreja.

Como segunda proposição procurou demonstrar que a Igreja também, sem este integrismo falso e irrealizável, isto é, no âmbito de uma sociedade pluralista e democrática, tem duas tarefas a realizar: aquela que é

a de confrontar criticamente a conduta do mundo com as normas do Evangelho e, sobretudo, aquela de ser, para o mundo, um veículo de estímulos positivos, pastorais e proféticos, que orientem a conduta prática do mundo.

Não é dito, porém, que estes estímulos possam ser deduzidos, de uma só forma, a partir dos princípios gerais do Cristianismo. A respeito disso, exemplificando, fez uma alusão à **Gaudium et Spes** e à **Populorum Progressio**, de Paulo VI, que, muito além de uma doutrina simplesmente imutável, convoca o mundo a decisões concretas.

Como terceira proposição, e na falta de uma formulação melhor, propõe, como uma nova parte integrante da Teologia Pastoral, o que ele denomina de **Cosmologia Teológica Prática**. Trata-se de uma análise teológica, e não apenas profana, da atual situação interna e externa tanto da Igreja como do mundo, não só para se estabelecerem os princípios continuamente válidos das relações entre Igreja e mundo, mas também para preparar aquelas exigências práticas, através das quais a Igreja possa realizar, em face do mundo, a sua própria missão. Esta parte da teologia pastoral, sem dúvida bastante necessária, existe tão-somente, nos dias de hoje, numa espécie de modestos apêndices, porque sempre se pensa muito ingenuamente, que se pode conhecer o mundo partindo da própria experiência pessoal.



ESTANTE DE LIVROS

Q U A R U P

Franklin de Oliveira comparou **Quarup**, de Antônio Callado, ao **Doctor Faustus**, de Thomas Mann, que, como se sabe, era neto de brasileira. Gilberto Amado, em carta realmente magistral, evocava Albert Camus a propósito de **Quarup**. Parece-me que o romance de Callado está mais na linha de Camus do que na de Mann. Romance-ensaio, não há dúvida. Mas, no caso de Mann, mais metafísico ou ontológico, numa perspectiva de logos. No caso de Camus, que é o de Callado, mais moralista, numa linha de ethos. E chegando, por vezes, a um ritmo de *homo ludens*, de Huizinga.

Fernando — o Padre Nando — vive o longo e dramático itinerário de padre a guerrilheiro. Ou, mais exatamente, de religioso a guerrilheiro. Do convento à selva e da selva ao Nordeste, ele vive uma aventura em cujo centro está a descoberta ou a experiência da mulher. Antônio Callado aproveitou, aqui, um vasto material jornalístico a respeito do Xingu e do Nordeste. Reportagens antigas se incorporam ao romance-ensaio, dando-lhe um cunho jornalístico. Pois o romancista Callado é, essencialmente, um jornalista ou um repórter.

Os dois grandes momentos do livro são a morte de Getúlio, que se mistura na selva do Xingu ao ritual **Quarup**, e a descoberta da mulher, aquele instante de intimidade com a inglesa que tanta exaltação provocou no dionisiaco Gilberto Amado.

Largar a batina terá sido um gesto essencial, nessa passagem de religioso (ou padre) a guerrilheiro? E a descoberta da mulher, que significação terá possuído nesse contexto psicológico denso, tenso? Quer parecer-me que Antônio Callado quis sublinhar a descoberta simplesmente dos valores humanos. O humano se impõe. A valorização do hu-

mano em tôdas as suas perspectivas, na multiplicidade dos seus aspectos. Nando se afirma como homem, eis (ao que me parece) a essência da sua evolução pessoal, do convento à selva, e da selva à luta social nordestina. Há uma descoberta da mulher e uma descoberta do social, da dimensão social do homem. Que distância entre o Nando puramente entregue à contemplação dos ossos, numa solidão patética e quase mórbida, e o Nando ativo, de arma em punho, no duelo de inspiração social... História de uma crise.

O Sr. Antônio Callado é um escritor satírico. **Assunção de Salviano** e **Madona de Cedro** nos haviam habituado a essa feição do seu espírito. Agora, com o romance **Quarup**, ele adquire proporções mais vastas, que os fazem esperar dele, no plano da criação literária, algo como **Terra em Transe**, isto é, o romance da crise brasileira.

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

DINÂMICA EXISTENCIAL DA CONVERSÃO

Francisco de Araújo
Livraria Duas Cidades, São Paulo,
1967

Este livro vem mostrar que, apesar da crise religiosa do mundo de hoje e da necessidade das forças que impedem o homem e o mundo de viverem dimensões propriamente humanas, é possível ao homem cristão ter a experiência de si mesmo, a experiência do outro e a experiência de Deus. E isto, através de um amadurecimento da fé, de seu aprofundamento, de sua ativação existencial, a partir da experiência da interioridade habitada pela Palavra de Deus. Sem interioridade, jamais o homem descobre Deus. Porque Deus está dentro do homem, na experiência que tem de si mesmo. Pela fé, o cristão sen-

te, toca e experimenta Deus. Mas Deus está também no outro. A comunicação com o outro é portadora de graça. É no outro que o cristão comunga Cristo, se enriquece e se enche de graça. Não há o *eu* isolado, sozinho, concentrado ou centrado em si mesmo. O *eu* só se realiza quando se descentra, quando se abre ao outro, quando o ama pelo que ele é, e não através de Deus. O outro não deve ser amado por ser uma representação de Deus. Isto seria amar Deus no homem. Não seria amar o homem. O outro não deve ser amado enquanto é um *receptáculo* de Deus. Está é uma atitude de muitos "profissionais da caridade" e de muitos "especialistas do amor ao próximo". Inconscientemente, consideram, no próximo, não uma realidade humana concreta, mas a transparência divina através de sua fragilidade existencial. Resultado: caem facilmente no desinteresse real pela tragédia humana que não pretendem amar. Isto pode explicar o angelismo de algumas instituições cristãs face à realidade humana: despreocupação pela tragédia do próximo, pelos desafios do mundo, e preocupação pela presença de Deus nêles.

O próximo é, pois, o único caminho para se chegar a Deus. Não há um caminho direto que nos liga a Deus. Temos que passar pelo caminho do contato com os homens. E não ao contrário. É depois que experimento Deus no outro e em mim que tenho a experiência da adoração, quer dizer, da entrega total ao Absoluto.

O objetivo do livro é mais bem expressado nas próprias palavras do autor (p. 7): "Ao escrever estas páginas, pensei sempre na Igreja que quer se renovar à luz do Concílio. Pensei nos cristãos que sentem a urgência da renovação da vida cristã, hoje, e que aspiram ao amadurecimento e aprofundamento da fé, tão ameaçada por falta de um ajustamento sério com o contexto cultural do mundo moderno, como também pela ausência de processos peda-

Com a colaboração da
Nunciatura, da CNBB,
da CRB, do IBGE, do
Adveniat, aqui estão os
dados e as informações
sobre a Igreja no Brasil:

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL

à venda na CRB

Av. Rio Branco, 123/10.º

Rio-GB

gógicos formadores de uma sólida consciência evangélica. Pensei em todos estes cristãos que aspiram, ao mesmo tempo, a se integrar efetivamente na luta comum de todos os homens de boa vontade para descobrir um sentido universal para a caminhada humana e a participar das tarefas concretas de construção de um mundo baseado na verdade, na justiça, na liberdade e na fraternidade».

A primeira parte do livro é uma análise teológica da dinâmica existencial da conversão. E mostra que a Revisão de Vida é um método de se vivenciar a Palavra de Deus, uma pedagogia a serviço do Evangelho.

A segunda parte mostra como esta pedagogia leva a uma encarnação no mundo, pelo compromisso, pelo engajamento, para a concretização de uma humanização do mundo. Não há dicotomia entre espiritual e temporal. A conversão ao Evangelho é um compromisso com as tarefas de construção do mundo. "Converter-se ao Deus Vivo é se comprometer, ao mesmo tempo, a colocar a sua vida a serviço dos homens (p. 21)."

Na terceira parte são apresentados os elementos de que a experiência cristã precisa para a prática do método de Revisão de Vida. Porque uma nova pedagogia evangélica tem que partir de realidades vivenciadas, experimentadas.

Na quarta parte são alinhadas "diversas e interessantes experiências de Revisão de Vida, seus roteiros, bem como um Método Complementar à Revisão de Vida, a Meditação Comunitária do Evangelho (p. 22)."

O livro do Frei Chico vem mostrar as grandes exigências da coerência na vida cristã. Vem mostrar que a coerência exige um confronto, um olhar de frente para Deus, um olhar que encontre o olhar de Cristo. Uma iluminação da vida com o Evangelho. Para isto é necessária uma grande coragem. É preciso que se esteja disposto a assumir os compromissos e os riscos de sua própria fé. Deixar-se invadir pela luz de Deus para que ele dê um sentido às nossas buscas, à nossa sede. A lucidez do cristão é uma lucidez terrível. Porque é a

lucidez de Cristo no seu Evangelho. É uma lucidez de quem se dispõe a abrir o coração para acolher a Verdade, de quem está disposto a fazer uma ruptura e cortar pela raiz todos os apegos mutilantes. "O reino dos céus pertence aos violentos." Deus não gosta das meias-medidas. Exige o risco da fé.

FREI JAPIASSU

JUAN XXIII, El Papa del Concilio Ecumenico Vaticano II — Editorial Labor, Barcelona, 1967, 290 x 240, 278 pp., 52 lâminas em cores e numerosíssimas a preto e branco, NCr\$ 98,00 à vista.

Magnífico volume, cuidadosamente impresso, fartamente ilustrado, através do qual nove autores, que conheceram de perto o inesquecível João XXIII, nos apresentam um retrato fiel do grande idealizador do Vaticano II. Entre eles figuram o Cardeal Péricles Felice, os Bispos G. Piazzi e Santo Quadri, o perito conciliar Andrea Spada, o jornalista Piero Bargellini, o sobrinho do próprio Papa, Giambatista Roncalli etc.

Desde o seu modesto nascimento em Sotto il Monte até as grandes realizações do seu pontificado, é-nos evocada, passo a passo, a luminosa trajetória desse grande e extraordinário Pontífice. Escolhido para ser «um Papa de transição», ele foi o agente providencial de uma «era de transição», de passagem para uma fase nova na História da Igreja, legando a seu sucessor a herança que vale por um ingente compromisso.

Bem inspirados foram os autores desta obra, apresentando-nos, com diligência e carinho, a figura do Papa que despertou o mais vivo interesse e a maior simpatia entre nossos contemporâneos ante a irradiação de suas singulares qualidades de bondade, simplicidade, espontaneidade, espírito evangélico e visão dos problemas de nosso tempo. Portador de uma grande alma, de um coração imenso, ele foi sem dúvida, excepcional instrumento para a realização dos desígnios do Espírito sobre a Igreja no mundo em que vivemos.

F. R. A. C.